



ANAIS

IV SEMANA ACADÊMICA DE MEDICINA VETERINÁRIA (SEVET)

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MINEIROS
(UNIFIMES)**

12 a 14 de Setembro de 2019



Comissão Organizadora

Prof. Me. Eric Mateus Nascimento de Paula
Profa. Dra. Priscila Chediek Dall'Acqua

Comissão Científica

Profa. Dra. Priscila Chediek Dall'Acqua

Comissão Avaliadora

Alana Lucena Oliveira
Aline Cardoso Pereira
Ana Carolina Borsanelli
Beatriz Caetano da Silva Leão Gouveia
Camila Botelho Miguel
Daniela Junqueira de Queiroz
Danila Malheiros Souza
Edlaine Faria de Moura Villela
Eric Mateus Nascimento de Paula
Giovana Barros Nunes
Gustavo Henrique Marques Araujo
Kadmo Raul Sampaio Amorim
Magda Silva Nery
Mayara Larissa dos Santos Ribeiro
Melissa Carvalho Martins de Abreu
Murilo de Souza Mendes da Costa
Panmera Almeida Helrigel
Rodrigo Rosi Assis

Sumário

	Página
Clínica Médica e Cirúrgica Animal.....	01
Produção e Reprodução Animal.....	38
Medicina Veterinária Preventiva.....	55



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

TRANSPOSIÇÃO CÓRNEO CONJUNTIVAL PARA CORREÇÃO CIRÚRGICA DE PERFURAÇÃO CORNEAL EM CÃO

Ana Julia de Almeida Martins¹, Andresa de Cássia Martini², Eric Mateus Nascimento de Paula², Nathalie Moro Bassil Dower³, Fernanda Viccini³

¹Discente. E-mail: anajulia2908@outlook.com

²Docentes, Centro Universitário de Mineiros- UNIFIMES

³Médica Veterinária Clínica Vivet/Cuiabá-MT

A úlcera de córnea é resultante de uma destruição progressiva do estroma corneal, acarretando em fragmentação do colágeno, com liquefação e necrose da córnea. É uma das principais doenças oculares que acometem os cães. Pois a córnea é a camada mais externa do globo ocular ficando exposta e sujeita a traumas e lesões, que podem levar a necessidade de procedimento cirúrgico, para que não ocorra a perda da visão. Sendo assim o presente estudo objetivou relatar a técnica de transposição córneo conjuntival em uma cadela da raça pug, 5 anos, que foi atendida na clínica Vivet- na cidade de Cuiabá/MT, com diagnóstico prévio de úlcera de córnea em tratamento com tobramicina colírio, durante 30 dias sem melhora. Ao exame oftálmico observou-se lacrimejamento, hiperemia conjuntival, injeção ciliar, edema de córnea, teste de tingimento com fluoresceína positivo, apresentando perfuração de córnea e prolapso de íris, sem visualização completa da câmara anterior, teste de Jones positivo e teste de Seidel negativo. Optou-se pelo procedimento operatório, e realizada a técnica de transposição córneo conjuntival para correção da perfuração. Para o procedimento cirúrgico o leito de transposição córneo conjutival foi cuidadosamente preparado para remoção de quaisquer tecidos doentes, foram feitas duas incisões paralelas no estroma corneal, que se alongavam dorsalmente ao limbo. O pedículo do estroma corneal anterior e epitélio corneal foram cuidadosamente separados num espaço suficiente para permitir o deslizamento ventral no defeito da córnea. As extremidades laterais do pedículo corneo conjuntivo foram posicionados por suturas simples interrompidas com fio de poliglactina 6-0. Ao retorno no 15º dia do pós-operatório (PO) a córnea apresentava-se menos edemaciada, com presença de neovascularização e tecido de granulação no local do enxerto. Aos 30 dias de PO foi realizada retirada dos pontos com observação de significativa redução do edema, opacidade moderada da lesão, neovascularização e pigmentação de melanose difusa, denotando evolução pós-operatória satisfatória. Diante disso nota-se que a técnica de transposição córneo conjuntival foi eficaz no tratamento da úlcera de córnea no presente relato, enfatizando a importância do diagnóstico e indicação do tratamento adequado nas afecções oftálmicas em Medicina Veterinária.

Palavras-chave: Cão. Ceratoplastia. Oftalmologia.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

COLAPSO TRAQUEAL EM CÃES: REVISÃO DE LITERATURA

Lorena Nascimento Pereira¹, Alanna Rezende Costa¹, Rodrigo Martins Ribeiro², Debora Da Silva Freitas Ribeiro²

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES). E-mail: lorena906@gmail.com

²Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

O colapso de traqueia é um termo que se refere ao estreitamento do lúmen traqueal, em decorrência a grande quantidade de membrana traqueal dorsal, enfraquecimento dos anéis cartilagosos, ou os dois. É considerada uma doença progressiva e degenerativa, sendo assim de grande importância na clínica de cães pois interfere no fluxo de oxigênio para os pulmões. É frequente em animais de pequeno porte, como as raças miniaturas e não há predileção por sexo. Os sintomas aparecem em qualquer faixa etária e a tosse não produtiva é o sintoma primário da doença onde muitos a descrevem como “grasnar de ganso.” Ao exame clínico a tosse pode piorar ao pressionar a traqueia ou se o animal ficar excitado. Pode se observar cianose, dispneia e desmaios em casos mais complexos. A doença diminui o tamanho do lúmen fazendo com que dificulte a passagem de ar para os pulmões. É comum a ocorrência de intolerância ao exercício, engasgos, sons respiratórios anormais e intensidades diferentes de dispneia, de acordo com o quadro do animal. Nos casos crônicos o processo inflamatório da mucosa traqueal causa tosse, que pode acentuar o quadro clínico, fazendo com que a inflamação aumente e progrida para uma metaplasia escamosa do epitélio respiratório, impedindo com que a traqueia faça a limpeza mucociliar. O diagnóstico é embasado na anamnese e nos sinais clínicos que o animal apresenta e anormalidades vistas nas radiografias torácicas e cervicais. Cães com dispneia grave devem receber atenção dobrada, pois apresentam maior risco de vir ao óbito. A fluoroscopia e broncoscopia são outras técnicas de imagem usadas para auxiliar no diagnóstico da doença. O tratamento para a enfermidade é dividido em tratamento clínico e cirúrgico. Para o tratamento clínico os medicamentos incluem antitussígenos, broncodilatadores, antibióticos e corticoides. Além disso o uso de corticoides inalados tem sido bastante usado, visto que seus efeitos colaterais são menores que aos medicamentos de uso sistêmico. Cães que estão acima do peso devem passar por uma reeducação alimentar. As coleiras devem ser trocadas por peitorais e deve-se aconselhar os proprietários a evitar que seus cães passem calor. O tratamento cirúrgico é indicado para aqueles animais que não obtiveram sucesso no tratamento clínico e animais com sintomas moderados a graves que tem o lúmen traqueal reduzido em 50% ou mais. O objetivo da cirurgia é restabelecer o diâmetro normal da traqueia sem cessar o fluxo mucociliar. As técnicas mais utilizadas atualmente incluem a



colocação de próteses traqueais, pregueamento da membrana dorsal e dispositivos intraluminais. Na maioria dos cães os sintomas clínicos podem ser controlados com os devidos cuidados médicos. Animais que desenvolvem sintomas graves tendem a ter um prognóstico mais reservado. Diante disso o presente trabalho teve a intenção de abordar sintomatologia, diagnóstico e tratamento visto que o colapso de traqueia é uma doença frequente na clínica de pequenos animais.

Palavras-chave: Tosse crônica. Cianose. Estreitamento do Lúmen.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

DERMATITE ALÉRGICA A PICADA DE PULGAS: CLÍNICA E DIAGNÓSTICO EM PEQUENOS ANIMAIS

Maria Júlia Gomes Andrade¹, Monique Resende Carvalho¹, Eric Mateus Nascimento de Paula²

¹Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros. E-mail: mariajulia014@hotmail.com

²Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros.

A Dermatite Alérgica por Picada de Pulga (DAPP) é uma doença muito comum em cães e gatos, e não há predisposição racial ou sexual. Sua etiologia está relacionada ao repasto sanguíneo das pulgas que, no momento da picada, inoculam saliva na pele do animal, provocando a reação alérgica. A doença pode ser desencadeada por apenas uma única pulga, sendo que esses insetos possuem uma capacidade reprodutiva extraordinária, podendo produzir mais de 100 ovos/dia, dos quais as larvas em poucas semanas se convertem em adultas. O objetivo do presente estudo é realizar uma revisão de literatura sobre as principais apresentações clínicas em animais de companhia provenientes de ectoparasitas. Para tanto foram consultadas as principais bases de dados (SciELO, NCBI e periódicos Capes) e pesquisados artigos científicos atualizados e correspondentes ao tema abordado. A saliva da pulga é a substância responsável por desencadear a reação de hipersensibilidade nos animais, visto que nela existem vários componentes antigênicos. A reação alérgica pode persistir de duas a 12 semanas, dependendo do tipo de exposição sofrida pelo animal. Existem duas espécies muito comuns nos animais de companhia: *Ctenocephalides felis* (pulga do gato) e *Ctenocephalides canis* (pulga do cão). Entretanto, apresentam manifestações clínicas diferentes. Nos cães, há a presença de prurido com variação moderada à alta intensidade, levando ao desenvolvimento de escoriações e crostas, além disso podem existir áreas de alopecia; sendo que as regiões mais afetadas são cauda, região anal, dorso, coxas, abdômen e pescoço. Já em gatos, podem ser observadas falta de pelos nos flancos e no dorso, podendo ainda desenvolver pequenas crostas vermelhas nessas mesmas regiões. Ainda é descrito, em felinos, um excesso na lambadura e/ou arrancamento dos próprios pelos. O tipo padrão de lesões que o gato desenvolve é denominado dermatite miliar. O diagnóstico da DAPP deve ser feito através de exames físicos completos, raspado de pele, exames histopatológicos. Neste último, predomina-se infiltrados de eosinófilos e células mononucleares na derme superficial, hiperkeratose, acantose e espongiose moderada, com presença de úlceras superficiais, edema, infiltrado inflamatório acentuado formado por mastócitos, eosinófilos, linfócitos e plasmócitos ao redor de vasos e anexos e dilatação de glândulas sudoríparas. Testes hormonais, de cultura microbiana, e biópsia da pele são



outras ferramentas para fechar um diagnóstico mais preciso. Para o tratamento geralmente é utilizado, uso de repelentes, seja via oral ou tópica, contra esses ectoparasitas. É importante controlar a população de pulgas existentes, nos animais e todos os animais que o rodeiam, é indispensável o tratamento do ambiente. Algumas medidas devem ser tomadas: aspirar todos os tapetes, carpetes, sofás, cortinas, tendo particular atenção aos locais mais frequentados pelo animal, como forma de inibir o contágio do animal.

Palavras-chave: Alergia. *Ctenocephalides canis*. *Ctenocephalides felis*. DAPP.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

DERMATOSE RESPONSIVA À CASTRAÇÃO EM CÃO – RELATO DE CASO

Thaynara Souza Moreira¹, Juliana Bruno Borges Souza¹, Alana Lucena Oliveira², Eric Mateus Nascimento de Paula³

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES. E-mail: thaynara.s.m@hotmail.com

²Pós-graduanda em Medicina Veterinária pela Unesp-Botucatu.

³Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

Diversas disfunções dermatológicas, corriqueiras na rotina veterinária, possuem sintomatologia semelhante, e esse fato acaba dificultando o diagnóstico, levando à uma demora na instituição de tratamento efetivo. A alopecia X é uma enfermidade não pruriginosa, não inflamatória e simétrica, acometendo o pescoço, cauda, períneo, coxas e tronco. Possui pouca ocorrência na rotina de pequenos animais e sua patogenia não possui dados esclarecidos. As raças mais acometidas são as de origem nórdicas, à exemplo do Spitz Alemão, Poodle Miniatura, Chow Chow e Husky Siberiano. Em animais acometidos, a pele alopécica torna-se hiperpigmentada, com os pelos remanescentes de cor variada. Essas alterações são observadas tanto machos quanto fêmeas, com idade entre 1 a 5 anos, e que laboratorialmente não apresentam alterações. O objetivo do presente trabalho é relatar um caso de alopecia X responsiva à castração em um paciente da espécie canina, abrangendo todo o atendimento clínico, métodos diagnósticos e terapêutica. Foi atendido um canino macho, com idade de 1 ano e 7 meses, Spitz Alemão, pesando 2,8kg, em uma Clínica Veterinária no município de Botucatu-SP. A queixa do proprietário era sobre áreas alopécicas e enegrecidas. O animal foi adquirido de um canil especializado na raça, sem histórico de doenças hereditárias. O paciente possui 20 contactantes, também da mesma raça. O quadro clínico do cão, iniciou-se com leve hiperpigmentação na região de membros posteriores, próximo a região do fêmur, com aproximadamente 8 cm de comprimento e 3 cm de largura com leve rarefação pilosa do lado esquerdo; o lado direito também apresentava aproximadamente 5 cm de comprimento e 3 cm de largura sendo o mesmo apresentando pelame seco, referindo a perda dos pelos primários com ausência de prurido. Foi instituído queranon durante 4 dias e interrompeu o tratamento com 6 dias. Foram realizados hemograma e bioquímica sérica, sem alterações dignas de nota. Além disso, foram enviados para a biópsia e exame citopatológico três fragmentos de pele coletados por punch medindo, cada um, 0,5 x 0,4cm. A epiderme apresentava acantose discreta, ortoqueratose laminar e infundibular moderadas. Os folículos exibiam atrofia discreta e presença de folículos “em chamás”. A derme superficial possuía discreto infiltrado inflamatório perivascular de linfócitos e plasmócitos. Os padrões macroscópicos e microscópicos são compatíveis com alopecia X. Foi



recomendada a castração como tratamento alternativo, realizada na semana do diagnóstico. O tratamento medicamentoso baseou-se em Melatonina 6mg, 1 comprimido, 24/24 horas, 30 dias; suplemento nutricional (proteínas, aminoácidos, minerais e vitaminas) com 1 cápsula, 24/24 horas, 30 dias; e outro composto nutricional de ácidos graxos essenciais (predominante ácido eicosapentaenoico) com 1 cápsula, 24/24 horas, 30 dias. Observou-se após 3 meses, o crescimento progressivo dos pelos nas regiões que estavam alopecias. Entende-se, portanto, que a alopecia X é uma condição dermatológica que afeta unicamente a estética animal, sem comprometimento sistêmico. E seu diagnóstico, o qual é realizado com base na exclusão de outras patologias. Sendo assim, é importante que o médico veterinário dermatologista inclua esta dermatose nos diagnósticos diferenciais de sua rotina clínica, esclarecendo ao proprietário as variações etiológicas possíveis.

Palavras-chave: Alopecia X. Orquiectomia. Spitz Alemão.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

DIABETES MELLITUS: ALTERAÇÕES MULTISSISTÊMICAS EM PEQUENOS ANIMAIS

Monique Resende Carvalho¹, Maria Júlia Gomes Andrade¹, Eric Mateus
Nascimento de Paula²

¹Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de
Mineiros. E-mail: monique_r_c@hotmail.com

²Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de
Mineiros.

A Diabetes Mellitus (DM), é uma doença observada na clínica de pequenos animais que consiste em uma desordem pancreática endócrina em que as células β , produtoras do hormônio insulina, passam a ter sua secreção ausente, reduzida ou ocorre a chamada resistência periférica à insulina, ou ainda, seria causada por uma resistência transitória à secreção de insulina causada pela pancreatite, principalmente em felinos obesos. O corpo animal ao ter dificuldades no transporte do açúcar da corrente sanguínea para o interior das células, leva ao aumento da glicemia e à deficiência de glicose em suas células. O objetivo do presente estudo é realizar uma revisão de literatura sobre as principais alterações sistêmicas e suas apresentações clínicas da DM em animais de companhia. Para tanto foram consultadas as principais bases de dados e selecionados artigos que abordassem o tema. A insuficiência na produção de insulina acarreta alterações no metabolismo de macronutrientes como carboidratos, lipídios e proteínas. Na rotina clínica, as principais queixas dos tutores e os principais sinais clínicos estão relacionados a polidipsia, poliúria, polifagia, perda de peso e cegueira causada por catarata. Laboratorialmente, a DM é caracterizada principalmente pela hiperglicemia e glicosúria constatadas. A hiperglicemia persistente culmina em processos patológicos intensos como as neuropatias, retinopatias, nefropatias, cardiopatias, danificando nervos e vasos sanguíneos, podendo comprometer ainda mais a saúde desses pacientes, acarretando ainda em manifestações cutâneas secundárias. O globo ocular pode sofrer com o surgimento da retinopatia diabética e do edema macular diabético que, se não forem tratados, podem levar à cegueira. Alterações circulatórias também são relatadas, e se caracterizam por perda dos tónus vasculares, alteração do fluxo sanguíneo, aumento da permeabilidade vascular, obstrução vascular que acarreta neovascularização, com vasos frágeis, levando a hemorragias e descolamento da retina. Cabe, assim, ao tutor acompanhar, zelar e proporcionar atendimento médico-veterinário aos animais de companhia sempre que notarem alterações comportamentais decorrentes da DM. O clínico de pequenos animais deve se atentar nos parâmetros do exame laboratoriais referentes à DM bem como na análise comportamental descrita bem com os sinais clínicos. É obrigatória a realização de provas de avaliação endócrina, notadamente da função



adrenal, dada a semelhança entre as várias manifestações clínicas do hiperadrenocorticismismo e da DM. Fica claro, portanto, que a DM além dos níveis de insulina no corpo, afeta diversos sistemas do organismo animal, dentre eles sistema nervoso, ocular, motor, circulatório, renal e muscular. Para que haja a estabilização do paciente, é importante que o responsável se comprometa com a realização correta e rotineira das recomendações veterinária que podem incluir: fornecer alimentação balanceada à base de rações dietéticas em quantidade necessária e suficiente, bem como oferecer água limpa, restrição de petiscos, sessões diárias de exercício e sempre fazer acompanhamento glicêmico, além de doses diárias de insulina. No caso das fêmeas, em geral elas são castradas para que seus hormônios não atrapalhem a ação da insulina injetável. Ações como essas permitem assim um controle no quadro clínico desse animal, dando-lhe uma melhor qualidade de vida.

Palavras-chave: Cães. Choque Insulínico. Gatos. Hiperglicemia. Sinais Clínicos.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

MASTITE EM ANIMAIS DE PRODUÇÃO DECORRENTE DE INFECÇÃO VIRAL

Giovanna Oliveira Costa¹, Vitor Hugo Carvalho Ferreira¹, Lázaro Otávio Quintino Nunes¹, Geovanna Santos Pereira¹, Eric Mateus Nascimento de Paula²

¹Discentes do curso de Medicina Veterinária - UNIFIMES. E-mail: vitor_hcf@hotmail.com

²Docente Titular do Curso de Medicina Veterinária - UNIFIMES

A mastite é a inflamação da glândula mamária, sendo esta a doença mais comum e a que mais causa prejuízos sobre os animais destinados à produção leiteira. Apesar de estresse e ferimentos físicos também causarem inflamação da glândula, esta inflamação também pode ser ocasionada por infecção viral e por microrganismos como bactérias e leveduras. Devido a elevada capacidade de causas ocultas da mastite é curioso analisar o papel dos vírus como agentes etiológicos da mastite, ainda que estes microrganismos não estejam vistos como causas de relevância. Este presente trabalho tem como principal objetivo fazer uma breve revisão bibliográfica apontando a etiologia, diagnóstico, controle e tratamento da mastite de origem viral em animais de produção. Para isso, foram consultados livros e artigos científicos atualizado de relevância sobre o assunto. Os vírus que mais possuem importância para as infecções das glândulas mamárias são: *Aphthovirus*, *Parapoxvirus*, *Papillomavirus*, *Vesiculovirus* e *Vaccinia*. Ainda são citados na literatura Herpesvirus bovino tipo 1, 2 e 4, vírus da parainfluenza III e o vírus da diarreia viral bovina; desta forma, as infecções virais podem exercer um papel direto ou indireto sobre a mastite através de lesão dos tetos e do canal do teto, as infecções virais podem ressaltar em imunossupressão e conseqüentemente aumento da susceptibilidade à mastite favorecendo assim o episódio de infecções bacterianas secundárias, tornando os casos mais críticos. O diagnóstico da mastite apresenta pouca dificuldade quando se efetua um cuidadoso exame clínico e depende muito da definição da anormalidade clínica do leite. Outras anormalidades mamárias, incluindo edema, congestão passiva, ruptura dos ligamentos suspensórios e hematoma podem ser observados. Além do exame clínico, ainda a testes como da caneca de fundo preto, avaliando grúmulos no leite e o *California Mastitis Test* (CMT) o qual acaba confirmando a ocorrência de mastite subclínica no rebanho principalmente ao se tratar da mastite causada por vírus, visto que os custos são ainda maiores que a dos testes como o da caneca. Para o tratamento da mastite destaca-se que por volta de 20 a 30% das infecções da glândula mamária são eliminadas espontaneamente pelo sistema de defesa do animal, no caso de infecções virais é importante adotar medidas que aumentem a imunidade do animal como a adoção de medidas de suporte e tratamento dos sintomas



apresentados, resultando na possível melhora do animal e também pode-se utilizar a antibioticoterapia decorrente as infecções bacterianas secundárias que possam ser provenientes da queda de imunidade do sistema auto imune. Para o controle dessa enfermidade deve-se adotar um manejo adequado dos animais da propriedade, ressaltando sempre a higienização dos tetos dos animais e equipamentos de ordenha, manutenção adequada dos equipamentos da ordenha e sempre ressaltando medidas para evitar o estresse das fêmeas e a prevenir quedas de imunidade que acaba aumentando sua susceptibilidade a agentes infecciosos. Por fim é de extrema importância lembrar que a consequência da mastite em animais de produção, deve ser um motivo de alerta e inquietude dos produtores e médicos veterinários no sentido de administrar medidas preventivas associadas aos conhecimentos das mastites, com o intuito de evitar perdas econômicas, preservar a qualidade leite e evitar a disseminação da mastite na produção.

Palavras-chave: Glândula mamária. Vírus. Ruminantes.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

EFEITOS SEDATIVOS DA ACUPUNTURA NA MEDICINA VETERINÁRIA – REVISÃO DE LITERATURA

Murilo Resende Silva¹, Samara Martins Calegari¹, Andresa de Cássia Martini Mendes², Priscila Chediek Dall'Acqua², Eric Mateus Nascimento de Paula², Lianna Ghisi Gomes³

¹Acadêmico de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES). E-mail: murilo.resende.s@hotmail.com

²Professora Titular do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

³Professora Titular do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Roraima (UFRR).

O controle da dor no paciente é um importante ponto que deve ser avaliado, devido aos efeitos deletérios causados pelo desencadeamento de estímulos dolorosos. Sendo assim, o reconhecimento da dor é importante para a aplicação de uma terapia analgésica eficiente, contudo a utilização de fármacos pode ocasionar efeitos adversos e serem contra indicados, portanto a acupuntura se mostra eficiente para processos de analgesia. Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre a utilização da acupuntura na medicina veterinária e a modalidade analgésica da farmacopuntura junto ao acuponto *Yin Tang*. Para a realização deste trabalho buscando-se artigos referentes a acupuntura na medicina veterinária e seu poder analgésico, utilizando como referência AMORIM NETO, 2014; BRAGA, 2012; QUESSADA, 2011. A acupuntura consiste na inserção de agulhas em pontos anatômicos específicos, denominados de acupontos, com o objetivo de promover efeitos terapêuticos e anestésicos. Esta técnica atua na analgesia por meio de vias opioides e não opioides, estimulando o sistema modulador da dor pela hiperestimulação das terminações nervosas responsáveis pela condução de estímulos dolorosos aos centros medulares, encefálicos e eixo hipotálamo-hipofisário responsáveis pela liberação de substâncias responsáveis por promover analgesia e bloqueio de estímulos dolorosos nos pacientes. Os acupontos estão localizados próximos a articulações, vasos sanguíneos, nervos, na ligação musculotendínea, nos locais de maior diâmetro do músculo e nas regiões de penetração dos feixes nervosos da pele. Quando um acuponto é puncionado ocorre uma sensação de parestesia, sonolência e tremores na cauda. Dentre os acupontos existentes de maior importância para a Medicina Veterinária, destaca-se o acuponto *Yin Tang*, localizando-se no ponto médio entre os cantos mediais dos olhos e se liga com a inervação frontal, sendo utilizado em procedimentos de anestesia e sedação de animais. Na clínica Medica Veterinária a associação de fármacos com as técnicas de acupuntura, a farmacopuntura, mostram-se bastante eficaz nos procedimentos de sedação, principalmente quando aplicada ao acuponto *Yin Tang*, pelo fato de



possibilitar um efeito sedativo mais potente com dosagens menores, minimizando a ocorrência de efeitos adversos em diferentes espécies. Em cães esta técnica possibilitou a redução em 50% da dose de xilazina quando comparada a sua aplicação por via intramuscular apresentando o mesmo grau de sedação, contudo apresentando menor tempo de duração. Em equinos e sem suínos a aplicação de uma subdosagem de acepromazina no acuponto *Yin Tang*, causou um efeito mais potente do que o convencional sem causar efeitos colaterais. Por fim, vale ressaltar que existem inúmeras técnicas dentro dos procedimentos de acupuntura, entretanto a utilização da farmacopuntura, junto ao acuponto correto, se destaca como uma importante ferramenta dentro da Medicina Veterinária, podendo ser utilizada associada a procedimentos de sedação e analgesia, viabilizando a utilização de menores doses anestésicas, resultando em menores reações adversas com afeitos analgésicos e sedativos satisfatórios.

Palavras-chave: Acuponto, Farmacopuntura, *Yin Tang*.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

ENVOLVIMENTO DE *PROTOTHECA* SPP. NA FISIOPATOLOGIA DA MASTITE BOVINA

Gabriela Severino Silva¹, Nara Cristina Sousa Silva¹, Eric Mateus Nascimento de Paula²

¹Discentes do curso de Medicina Veterinária - UNIFIMES. E-mail: gabrielasev.75@gmail.com

²Docente Titular do Curso de Medicina Veterinária - UNIFIMES

Debates recentes concluíram que a *Prototheca spp.* é considerada agente incomum da mastite bovina, mas que, nas últimas décadas, essas algas têm sido caracterizadas como agentes emergentes de mastite de origem ambiental em vários países. A consequência desta doença é um intenso processo inflamatório do úbere e queda na produção de leite, provenientes do aumento da contagem de células somáticas. Visto a necessidade de estudos dessa nova ameaça, o presente estudo teve como objetivo revisar com base na literatura, mastites animais com origem em algas. Sendo assim, foi realizado um minucioso levantamento bibliográfico sobre o tema nas principais bases de dados científicas. De forma geral, as *Prototheca spp.* provocam casos graves de mastite clínica, com início superagudo e difuso alcance no rebanho, levando a queda de produção e intensa observação de grumos no leite. No úbere, as glândulas mamárias apresentam ao toque nódulos que, com o passar do tempo, podem perder o funcionamento. E as principais espécies envolvidas em surtos *Prototheca zoopfii*, *P. moriformis*, *P. wickerhamii*, *P. stagnora*, *P. blaschkeae*. Essas algas aclorofiladas, de distribuição cosmopolita, são encontradas em ambientes úmidos, onde há concentração de matéria orgânica. Para cultura e isolamento dessas algas, deve se utilizar ágar enriquecido com sangue bovino ou ovino a 5%, com observação do crescimento de colônias branco-acinzentadas, cremosas, de bordos irregulares entre 48 a 72h. É comentado na literatura que as colônias da *Prototheca spp.* são semelhantes as colônias de leveduras. Há ainda a possibilidade da utilização do ágar Sabouraud. Ao microscópio pode-se observar microrganismos cilíndricos a esféricos, capsulados, contendo de dois a vinte endósporos em seu interior, de tonalidade azulada nas mais diversas possíveis colorações. Em relação ao histórico e distribuição geográfica dessa infecção mamária, o primeiro relato se deu em 1952 na Alemanha. No Brasil, os primeiros registros se deram em 1992. Segundo alguns autores, devido à está potencial problemática em relação ao tratamento por terem uma resistência a antibioticoterapia suas medidas de controle basicamente se tornam específicas e positivadas com a utilização de materiais descartáveis no ato da ordenha, e sendo de suma importância o descarte de animais positivados para a infecção. Toda via, a mastite bovina causada por *Prototheca spp.* representa uma grande importância econômica, social e principalmente de caráter relacionado a saúde pública. A falta de



uma higienização adequada do ambiente e do manejo podem resultar em uma potencial fonte de endemia, onde existe a presença constante do agente, tornando-se fonte de infecção através da utilização de materiais pelos quais foram feitas higienização irregulares, mantendo o agente presente no ambiente, disseminando a doença para animais saudáveis.

Palavras-chave: Algas. Bovinos. Mastite ambiental. Prototecose mamária.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

ESTERILIZAÇÃO QUÍMICA DE CÃES MACHOS

Raiane Lima de Oliveira¹, Vítor Lopes Barros², Samara Martins Calegari²,
Jossayne Cajueiro Sobrinho², Alanna Rezende Costa², Giovanna Oliveira
Costa², Andresa C. Martini Mendes³, Priscila Chediek Dall'Acqua³

¹Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de
Mineiros (Unifimes).. E-mail: raianelimado.2014@hotmail.com

²Acadêmicos do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de
Mineiros (Unifimes),

³Docentes do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros
(Unifimes).

A castração dos animais de companhia visa o controle populacional, principalmente, nos animais de rua, os quais estão envolvidos na disseminação de zoonoses. Além disso, é indicada para corrigir alterações de comportamento. Rotineiramente, a castração de machos é realizada pelo procedimento cirúrgico de orquiectomia, no entanto, estudos têm sido realizados a fim de tornar a castração de pequenos animais um método menos invasivo, prático, eficaz e de baixo custo, tornando-o mais acessível à população. A esterilização química surge como alternativa, uma vez que é um procedimento não cirúrgico capaz de alterar as estruturas do aparelho reprodutor masculino de forma irreversível levando a uma azoospermia. Para a castração química ser ideal e eficaz, o processo deve ser irreversível após um único tratamento, não trazer riscos ao meio ambiente ou aos animais e obedecer às normas do bem-estar animal. Desta forma, o presente estudo trata-se de uma breve revisão de literatura sobre a castração química de cães, mediante revisão bibliográfica, consultando as principais bases de dados: Google Acadêmico, SciELO e PubMed. A esterilização química consiste na aplicação de substância esclerosante intratesticular na região dorso cranial de cada testículo, com o objetivo de ocasionar fibrose dos ductos deferentes e epidídimos e atrofia testicular, resultando em azoospermia irreversível, 60 dias após a aplicação. O gluconato de zinco foi o primeiro dos esclerosantes utilizados em pesquisas de esterilização química a preencher os requisitos ideais de eficácia com resultados comparáveis à castração cirúrgica. Além da esterilização química, são descritas outras duas formas não-cirúrgicas de castração de machos: a imunoesterilização e a terapia hormonal. A imunoesterilização consiste na produção de anticorpos contra o hormônio liberador de gonadotrofinas (GnRH) ou hormônio luteinizante (LH) e/ou tecidos reprodutivos que são essenciais para a espermatogênese. Entretanto, é mais eficiente em fêmeas do que em machos, devido ao grande número de espermatozoides a serem combatidos. A terapia hormonal utiliza andrógenos, agonistas ou antagonistas do GnRH, que provocam a redução gradual de espermatozoides até a infertilidade. Contudo, pode provocar disfunções hepáticas e, é uma alternativa de



possível reversão. Em conclusão, a castração química merece a atenção dos tutores e dos responsáveis por controles populacionais em massa, visto que é uma ferramenta eficaz que já é usada em outros países como medida de controle para superpopulação de cães, gestações indesejáveis e controle de zoonoses. Além disso, por ser um procedimento não invasivo a recuperação do animal acontece em um menor período de tempo, quando comparada ao procedimento cirúrgico, sem necessidade de curativos no pós-operatório, reduzindo, assim, a probabilidade de infecções.

Palavras-chave: Castração. Controle populacional. Gluconato de zinco.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

HEMANGIOSSARCOMA CANINO- REVISÃO DE LITERATURA

Alanna Rezende Costa¹, Giovana Oliveira Costa², Jossayne Cajueiro Sobrinho², Lorena Nascimento Pereira², Raiane Lima de Oliveira², Samara Martins Calegari², Vitor Lopes Barros², Debora da Silva Freitas Ribeiro³

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Minas Gerais (UNIFIMES). E-mail: alanna.rezende@hotmail.com

²Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Minas Gerais (UNIFIMES).

³Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Minas Gerais (UNIFIMES).

O hemangiossarcoma (HSA) é uma neoplasia maligna de origem mesenquimal, acomete o endotélio vascular. Esta neoplasia pode se iniciar em qualquer tecido vascularizado, entretanto os órgãos de ocorrência primária são: baço, átrio direito, tecido subcutâneo e fígado. Existem relatos de tumor primário em outros locais como: pele, cavidade oral, língua, pulmão, aorta, rim, bexiga, intestino, próstata, vulva, músculos e ossos. A incidência maior é em cães de meia idade à idosos (8-13 anos) e machos, acometendo com maior frequência raças grandes a gigantes, tais como Pastor Alemão, Labrador, Boxer, Golden Retriever, Pointer, e raças menores como Greyhound Italiano, Basset Hound, Beagle e Greyhound são mais predispostos a desenvolver essa enfermidade. As causas são desconhecidas, porém há estudos que relacionam o aparecimento desta neoplasia, na pele, à exposição solar em animais com pele menos pigmentada ou pelos ralos. As aparições dessa enfermidade ocorrem mais frequentemente em locais como região abdominal, ventral e prepúcio. Os sinais clínicos geralmente variam de acordo com o local onde se encontra o tumor primário, porém podem ser observados mais frequentemente sinais inespecíficos tais como taquipneia, fraqueza, perda de peso, anemia e sangramento espontâneo. O índice de mortalidade entre cães que apresentam essas anormalidades hemostáticas é de aproximadamente 25%. A suspeita dessa neoplasia se dá através da anamnese e exame físico, porém o diagnóstico definitivo é obtido através de exame histopatológico com complementação da imunohistoquímica, portanto faz-se necessário a excisão do tumor para realização da biópsia ou também punção aspirativa por agulha fina. Também é de grande ajuda a realização de ultrassonografia e radiografia se houver suspeita de alguma metástase. O prognóstico dessa enfermidade é desfavorável, porém para dar mais qualidade de vida e conforto ao animal opta-se pelo tratamento cirúrgico combinado à quimioterapia pós-operatória. Alega-se que os cães que passam por esse tratamento têm uma sobrevida maior (entre 140 e 202 dias). Mesmo em estágio já avançado ainda sim o tutor pode optar pelo tratamento, mas a chance de sobrevida do animal é bem pequena.



Palavras-chave: Neoplasia mesenquimal. Tumores vasculares. Tumores multicêntricos.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

ASPECTOS DA CANDIDÍASE EM CÃES – REVISÃO DE LITERATURA

Jossayne Cajueiro Sobrinho¹, Alannna Rezende Costa²,
Giovanna Oliveira Costa², Raiane Oliveira de Lima², Samara Martins
Calegari², Vitor Lopes Barros², Stanislau Parreira Cardozo³

¹Discente de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES). E-mail: jossayne98@hotmail.com

²Discente de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

³Docente de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

A candidíase é uma doença causada por fungos que afeta vários animais, dentre eles os cães. Apresenta distribuição cosmopolita, sendo causada por leveduras do gênero *Cândida*. Tais leveduras são compostas por blastoconídios (gêmulas ligadas à célula mãe), que progressivamente se tornam pseudo-hifas (cadeias) e hifas. O objetivo deste trabalho é apresentar as características da doença em cães, tais como epidemiologia, sinais clínicos, diagnóstico e tratamento. A candidíase nos cães possivelmente é ocasionada principalmente por *C. guilliermondii*, *C. parapsilansis*, *C. krusei*, *C. tropicalis*, *C. rugosa*, *C. glabrata* e *C. albicans*, sendo esta a mais comum em animais, que teve seu primeiro relato em 1949, como dermatomicose. É uma doença que apresenta poucos casos relatados em cães, todavia quando acometido pode levar a quadros de lesões cutâneas, musculares ou ósseas. O grau de patogenicidade da doença dependerá de falhas nos mecanismos de defesa imunológico, da idade ou de doenças imunossupressoras. Além disso, há pouca literatura que descreva as ações da *Candida* sp. na microbiota intestinal dos cães, por outro lado se tem vasta literatura em tecidos cutâneos. Os sinais clínicos mais frequentes são a anorexia, depressão, pirexia, lesões cutâneas pruriginosas tais como pústulas ou vesículas, úlceras e placas exsudativas. Além do mais, são relatadas manifestações clínicas diversas como otite externa e problemas no sistema urinário, resultando em hematúria, disúria e aumento de micção. Vale salientar a importância no diagnóstico diferencial, visto que os sinais clínicos não são específicos e podem ser confundidos com enfermidades bacterianas ou parasitárias. Dessa maneira, o diagnóstico é feito através de cultura ágar sangue ou ágar Sabouraud enriquecido com hidróxido de potássio (KOH), métodos de Gram e biópsia também são realizados. A cultura é a mais indicada por ter um rápido crescimento fúngico. Nos cães o tratamento é feito com medicações antifúngicas, principalmente com o uso de fluconazol e itraconazol, porém há relatos de que estes medicamentos estão adquirindo certa resistência. Como alternativa tem se utilizado a Anfotericina B, com a obtenção de melhores resultados. Sendo assim, é importante ressaltar os aspectos desta enfermidade, o mal-uso de medicamentos antifúngico e



alertar para o correto diagnóstico o que pode minimizar o risco de agravamento da doença em animais.

Palavras-chave: Candida sp. Diagnóstico. Leveduras. Tratamento.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

PERSISTÊNCIA DE DENTES DECÍDUOS EM CANINO: RELATO DE CASO

Vítor Lopes Barros¹, Raiane Lima de Oliveira², Samara Martins Calegari²,
Jossayne Cajueiro Sobrinho², Samira Lessa Abdalla³, Marta F. A. da
Silva⁴, Priscila Chediek Dall'Acqua⁵, Andresa de C. Martini Mendes⁵

¹Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros (Unifimes). E-mail: vitorlbarros@hotmail.com

²Acadêmicos do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros (Unifimes).

³Médica Veterinária do Hospital Cães e Gatos 24 horas.

⁴Docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

⁵Docentes do curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros (Unifimes).

As patologias da cavidade bucal podem prejudicar a alimentação, sendo as de maior ocorrência em cães a persistência de dentes decíduos, cálculo dentário, gengivite, periodontite, estomatite, agenesia dentária, entre outras. Persistência de decíduos, principalmente do dente canino, é comumente relatada em cães de pequeno porte com idade inferior a seis meses de idade. A etiologia da persistência de decíduos pode estar relacionada a vários fatores: hereditários como a má erupção e esfoliação dentária, ambientais tais como deficiência nutricional e alterações metabólicas que atrasam o desenvolvimento dental prejudicando a reabsorção radicular dos dentes decíduos. Distúrbios endócrinos podem causar alterações hormonais e prejudicar a esfoliação dentária resultando na retenção desses dentes, em alguns casos graves por toda a vida do animal. Foi atendida no Hospital Cães e Gatos 24 horas na cidade de São Paulo uma cadela da raça Chihuahua fêmea de 1 ano de idade, com diagnóstico prévio de hidrocefalia em acompanhamento, e relato da tutora de anorexia e dor ao deglutir. A inspeção da cavidade bucal observou-se persistência dos decíduos dos elementos dentários 104, 204, 304 e 404, sendo esses os caninos bilaterais, maxilares e mandibulares. O animal passou por exame radiográfico confirmando o diagnóstico presuntivo, e posteriormente, foi submetido à exodontia, e a radiografia intraoral foi repetida ao término do procedimento. Este estudo trata-se de um relato de caso, cujo, objetivo é alertar os proprietários, acadêmicos e médicos veterinários sobre a persistência de decíduos nos cães e as consequências que podem acarretar a saúde destes animais. O paciente foi estabilizado por meio da anestesia inalatória, e posteriormente, submetido à extração cirúrgica do canino pela técnica de exodontia segundo Roza (2018). O caso relatado sobre a cadela Chihuahua condiz com a literatura, confirmando que as raças de pequeno porte estão relacionadas a esse tipo de patologia. A técnica cirúrgica empregada exige conhecimento e experiência em virtude da anatomia do dente canino, que possui raiz longa e curva. A radiografia intraoral é uma ferramenta



complementar de significativa importância para confirmação de persistência de dentes decíduos, possibilitando a visualização do posicionamento exato, e assim, proporcionar maior segurança no momento da cirurgia. No pós-operatório não ocorreram intercorrências, visto que a técnica foi executada por profissional capacitado, com instrumentais adequados e certificado e remoção completa do elemento dentário através da radiografia intraoral pós-operatória. Portanto, o tratamento cirúrgico de extração de decíduos é uma forma eficaz na resolução da anormalidade dentária promovendo qualidade de vida para o animal e evitando maiores problemas. A saúde bucal dos *pets* merece maior atenção devido às diversas enfermidades que podem acometer e prejudicar o desenvolvimento do animal através da diminuição no consumo de alimento pela consequência da dor, reduzindo o ganho de peso, retardo no seu crescimento e desenvolvimento de doença periodontal.

Palavras-chave: Cálculo dentário. Cavidade bucal. Doença periodontal. Exodontia.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

FOTOGRAMETRIA E PROTOTIPAGEM 3D: UM RECURSO LOW-COST PARA TREINAMENTO EM ORTOPEDIA

João Marcelo Carvalho do Carmo¹, Edilaine Patrícia de Oliveira Stiz¹, Luis Felipe Souza Lima², Matias Basinello Stocco², Ana Júlia Barros³, Roberto Lopes de Souza⁴, Eric Mateus Nascimento de Paula⁵, Andresa de Cassia Martini⁵

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária - UNIFIMES. E-mail: joaomarcelo_C2@hotmail.com

²Pós-graduandos em Ciências veterinárias - UFMT.

³Discente do Curso de Medicina Veterinária - UFMT.

⁴Docente do curso de Medicina Veterinária - UFMT.

⁵Docente do curso de Medicina Veterinária - UNIFIMES.

Prototipagem rápida (PR) é uma tecnologia revolucionária que possibilita se obter com rapidez e precisão, o protótipo de um molde a partir de um modelo virtual. Este produzido por programas de desenhos computadorizados, que posteriormente passam pela prototipagem, através da impressão 3D, permitindo a criação de vários projetos virtuais em produtos para diversas utilidades, dentre essas, a Ortopedia Veterinária, que evolui diariamente em busca de procedimentos com excelência. Através das imagens de ressonância magnética ou fotogrametria, os Softwares de modelagem 3D constroem um fac-símile de uma estrutura (cópia). A Fotogrametria é uma tecnologia pouco onerosa, que objetiva redenzir modelos em 3D, por meio de fotografias tiradas de um objeto em torno dos seus 360°, para execução da PR. O presente trabalho tem como objetivo relatar um estudo que buscou através do uso da fotogrametria e PR, produzir biomodelos de ossos da espécie canina, com o intuito de servirem de exemplo para o treinamento em técnicas Ortopédicas em Medicina Veterinária. Para tanto utilizou-se como modelo, peças anatômicas comerciais da linha veterinária da empresa SYNBONE compostas de poliuretano poroso rígido, suspensas por fio de nylon 0,20 mm, em um suporte de madeira adaptado. Para capturar as imagens foi utilizada uma câmera fotográfica Nikon D510² adicionando uma lente focal AF-S NIKKOR³ 18-55mm, alcançando sequências de fotografias em torno dos 360° de cada peça. Cada conjunto de imagens foi carregado e renderizado pelo programa Autodesk ReCap Photo na versão trial educacional, garantindo o upload de até 100 imagens por objeto, onde após analisar a sobreposição de pontos e identificar as semelhanças entre as imagens, gerou-se um modelo 3D de alta resolução em uma malha de polígonos, para que na sequência o arquivo seja convertido em formato STL (Stereolithography). Com o uso do software open source MakerWare, fora estimado previamente o posicionamento e o tamanho total da peça, permitindo replicar a mesma estrutura em tamanhos variados. Para todos os modelos foram utilizados filamento de PLA⁴ (Ácido Polilático) com 1,75mm de



diâmetro sob o seguinte protocolo: raft de sustentação para as peças, preenchimento de 40%, 3 camadas de detalhamento, espessura entre camadas de 200 microns, aquecimento do bico da extrusora a 195°C com velocidade de extrusão de 30mm/s e velocidade de deslocamento do bico a 30mm/s. Determinadas as configurações de impressão, o arquivo foi salvo no formato .x3g em cartão SD e anexado à impressora 3D *open source* para efetuar a PR, em seguida a peça passou por acabamento manual com lixa e nela foram feitas fraturas para depois serem utilizadas em procedimentos Ortopédicos diversos. Como resultado do estudo, constatou-se que o produto final não oferece risco de contaminação biológica, sendo útil para treinamento e planejamento cirúrgico, permitindo elaboração da fratura desejada e sua correção cirúrgica, podendo ser um artifício enriquecedor para treinamento cirúrgico, possibilitando que médicos veterinários e acadêmicos se capacitem em Ortopedia Veterinária de forma economicamente viável e promovendo o conceito dos 3rs (reduzir, reciclar e reutilizar) diminuindo o uso de animais de experimentação.

Palavras-chave: Medicina Veterinária. Procedimento Ortopédico. Tecnologia.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

EFICÁCIA DO AFOXOLANER NO TRATAMENTO DA DEMODICOSE

Leandra Tapajós Araujo¹, Eduarda Gonçalves de Melo², Rodrigo Martins Ribeiro³, Débora da Silva Freitas Ribeiro³.

¹Discente do Centro Universitário de Mineiros- UNIFIMES. E-mail: ltapajos18@gmail.com

²Discente do Centro Universitário de Mineiros- UNIFIMES.

³Docente do Centro Universitário de Mineiros- UNIFIMES.

A demodicose ou também conhecida de sarna demodécica é uma das principais patologias dermatológicas que acometem os cães, causada pela multiplicação exagerada do ácaro *Demodex canis*, que normalmente são encontrados nos folículos pilosos e glândulas sebáceas. Vale ressaltar os fatores que podem predispor a proliferação desse ácaro, tais como: nutrição; raça; estresse; baixa imunidade e genética. A transmissão desse ácaro ocorre da progenitora para a ninhada durante as primeiras 48 a 72 horas pós-parto, por meio do contato direto com a progenitora na hora da amamentação. Dependendo da apresentação clínica das lesões podem ser divididas em forma localizada ou generalizada. A primeira é encontrada mais frequentemente em cães jovens, sendo facilmente resolvida, enquanto a segunda aparece nos animais adultos, e é mais difícil de ser tratada. Tal patologia não tem cura, mas existem maneiras de controlar e regredir os sintomas para ter o menor impacto na vida do animal. O diagnóstico é realizado através do raspado cutâneo profundo e visualização no microscópio. O tricograma e a histopatologia de biópsias de pele podem ser úteis em determinados casos. Os fármacos empregados para o tratamento são: amitraz; ivermectina; doramectina; milbemicina e a moxidectina. Como prevenção o animal deve ser retirado da reprodução. O objetivo deste resumo é realizar uma breve revisão de literatura sobre a eficácia do afoxolaner no tratamento da demodicose, ressaltando os pontos positivos do uso. Para tanto, foi utilizado a base de dados Pubmed (ncbi.nlm.nih.gov) e Google Acadêmico (scholar.google.com.br) com as seguintes estratégias de busca: (1) sarna demodécica (2) afoxolaner (3) nexgard. Os dados foram coletados no período de 18 de Junho à 30 de Julho de 2019. A pesquisa foi limitada a artigos publicados no período de 2016 à 2019. O tratamento convencional com banhos terapêuticos e medicamentos injetáveis são convenientes para amenizar os sintomas da doença, entretanto com o NexGard® comprimido mastigável, cujo princípio ativo é o afoxolaner, têm obtido excelentes resultados no tratamento da demodicose generalizadas em cães adultos, estatisticamente reduzindo os números total de ácaros em raspados cutâneos e beneficiando o aspecto físico das lesões cutâneas, bem como diminuindo a alopecia e prurido, que foram significativamente menores em todas as consultas pós-tratamento em comparação com a avaliação pré-tratamento dos experimentos. Segundo a literatura consultada, os animais



devem ser tratados com afoxolaner, via oral, com 1 dose mensal, durante 90 dias. Esta revisão bibliográfica demonstrou que o tratamento com uma formulação oral de afoxolaner apresenta resultado eficaz.

Palavras-chave: Sarna demodécica. Dermatites parasitárias. *Demodex canis*. Ácaro. NexGard.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

SEQUESTRO CORNEAL FELINO, RELATO DE CASO

João Marcelo carvalho do Carmo¹, Edilaine Patrícia de Oliveira Stiz¹, Lianna Ghisi Gomes², Nathalie Moro Bassil Dower², Fernanda Viccini³, Eric Mateus de Paula Nascimento⁴, Andresa de Cassia Martini⁴

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária-UNIFIMES. E-mail: joaomarcelo_c2@hotmail.com

²Alunas de pós graduação em Ciências Veterinárias-UFMT

³Médica Veterinária autônoma- Clínica Vivet-Cuiabá-MT

⁴Docentes do curso de Medicina Veterinária- UNIFIMES

O sequestro corneal é uma afecção oftalmológica que acomete principalmente felinos e é caracterizada pela necrose do colágeno da córnea. A lesão se caracteriza pelo crescimento de uma placa oval ou circular no estroma corneal, denominada sequestro, com cor variante de âmbar a negro, com localização central ou paracentral, dependente do fator causador. Não há predisposição de sexo ou idade, contudo algumas raças como Siamês, Birmanês e raças braquicefálicas como Himalaio e Persa são mais susceptíveis por terem uma conformação anatômica que promove uma maior exposição do bulbo ocular, além disso gatos portadores de herpesvírus felino tipo 1 (HVF-1) ou qualquer outra infecção ou lesão que cause trauma ocular, tem as chances aumentadas de desenvolver essa doença. O sequestro se dá por uma complicação da cicatrização da córnea, provocada por uma degeneração de colágeno, acúmulo de pigmento e necrose do estroma. Além da lesão patognomônica, o gato apresenta outros sinais como conjuntivite, quemose e secreção ocular, observando-se na fase crônica neovascularização, dor, blefaroespasmos, epífora, enoftalmia e protusão da membrana da terceira pálpebra. O diagnóstico é feito através do exame oftalmológico, com base na anamnese e observação das lesões. O tratamento recomendado é a ressecção cirúrgica da região necrosada da córnea para evitar o agravamento da lesão podendo levar a perfuração corneana. O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso no qual um gato macho da raça British Shorthair de 2 anos, positivo para HVF-1, que foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Mato grosso, sendo o mesmo submetido a um exame oftálmico completo (reflexo de ameaça, reflexo pupilas consensual e direto, pressão intraocular, biomicroscopia da córnea, teste de fluoresceína e fundoscopia direta), onde foi constatado no olho direito secreção mucopurulenta, lacrimejamento, blefaroespasmo, hiperemia conjuntiva, neovascularização e presença de um ponto enegrecido denominado sequestro de córnea com fluoresceína positiva ao redor da lesão. Após o diagnóstico foi recomendado procedimento cirúrgico através da ceratectomia lamelar superficial para remoção do sequestro e para garantir proteção foi realizado o flap da terceira pálpebra. O tratamento pós operatório instituído foi antibiótico (tobramicina, a cada quatro



horas) e anti-inflamatório tópico (cetrolac®, duas vezes ao dia). Para tratar a possível causa da lesão, foi prescrito antiviral (penvir®, 125mg/gato) para tratamento do HVF-1 por 30 dias. O retorno foi feito após 15 dias consecutivos ao procedimento para retirada dos pontos do flap, onde observou-se a presença de tecido de granulação adjacente, conferindo cicatrização. Após três semanas houve diminuição do tecido de granulação e melhora na opacidade da lesão, contudo observava-se neovascularização no local da intervenção cirúrgica. Para prevenção desse afecção e imprescindível que se tenha cuidados oftálmicos com os gatos, principalmente os mais predispostos, se possível com acompanhamento periódico para um diagnóstico precoce permitindo sucesso no tratamento, além de profilaxia contra doenças infecciosas que causem lesões oculares como o HVF-1.

Palavras-chave: Sequestro corneal. Ceratectomia lamelar superficial. HVF-1.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

RHIPICEPHALUS SANGUINEUS COMO POSSÍVEL AGENTE CAUSADOR DE PARALISIA FLÁCIDA EM UM CÃO NA CIDADE DE PEROLÂNDIA-GO

Luma Silva Santos¹, Leyllynnay Oliveira Santos¹, Adrielle Pereira Valentim¹,
Débora da Silva Freitas Ribeiro², Rodrigo Martins Ribeiro²

¹Discente do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES. E-mail: lumass03@hotmail.com.br

²Docente do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES.

A afecção conhecida como “paralisia do carrapato”, nos cães é causada por algumas espécies de fêmeas de carrapatos ingurgitadas. É uma neuropatia progressiva causada pela neurotoxina presente na saliva desses carrapatos, sendo o *Rhipicephalus sanguineus* de distribuição mundial. Essa substância acomete as fibras motoras, afetando a transmissão de impulsos elétricos e interferindo na liberação de acetilcolina na junção neuromuscular. Os sinais clínicos encontrados são, fraqueza dos membros posteriores progredindo para os torácicos rapidamente, podendo ocasionar uma paralisia dos músculos respiratórios e alterações cardíacas. O objetivo é relatar um caso de um cão da raça Border Collie de 17 kg, residente em propriedade rural de Perolândia-GO, macho de 1 ano e 6 meses de idade com sinais de paralisia flácida em membros pélvicos. Inicialmente os sinais clínicos foram ataxia e midríase evidente, evoluindo para uma paresia dos membros pélvicos com diminuição dos reflexos medulares. O proprietário negava a possibilidade de ingestão de alimentos putrefados. No exame físico o animal não demonstrou nenhum sinal de trauma ou outro motivo físico para a paralisia, entretanto, em uma minuciosa inspeção foi encontrado a presença de carrapatos *Rhipicephalus sanguineus* em fase larvária. Dois dias após a retirada dos carrapatos o animal já obteve melhora evidente. No resultado do hemograma os parâmetros estavam dentro dos valores de referência para espécie, apresentando apenas uma leve eosinofilia (aumento do número de eosinófilos), sendo indicativo de processo alérgico ou verminose. Na tentativa de reverter o quadro clínico do animal e fechar o diagnóstico, foi prescrito um ectoparasiticida Simparic (Sarolaner) na dose de 2mg/kg, por via oral, repetir após 35 dias, como tratamento e prevenção de futuras infestações, e corticoide Meticorten (Prednisona) 2mg/kg, por via oral a cada 24 horas, durante 7 dias, reduzindo a dose de forma gradativa para 1mg/kg no 8° e 9° dia de tratamento e para finalizar reduzindo a dose para 0,5 mg/kg no 10° e 11° dia. Foi recomendada desinfecção do ambiente e dos contactantes. Após duas semanas o animal apresentava retorno da atividade motora e de ambulação. As neuropatias periféricas e doenças da junção neuromuscular ainda são difíceis de serem diagnosticadas, dentre as principais temos a paralisia por carrapato, por botulismo e a polirradiculoneurite. Estas doenças podem apresentar características clínicas comuns de paresia, tetraparesias ou tetraplegias, de evolução aguda, geralmente ascendente, mas com



preservação da dor profunda. Podemos concluir através do diagnóstico terapêutico a possibilidade de paralisia flácida por carrapato, como não havia possibilidade de ingestão de toxina botulínica, e a melhora clínica após a retirada dos carrapatos, sendo que a não remoção dos ectoparasitas pode levar a morte do animal. Portanto a prevenção deve ser realizada, com o uso de parasiticidas e vistoria diária dos animais.

Palavras-chave: Cães. Paralisia do carrapato. Sinais clínicos



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

DOENÇAS AUTOIMUNE: SÍNDROME UVEODERMATOLÓGICA

Samara Moreira Felizarda¹, Panmera Almeida Helrigel²

¹Discente de medicina veterinária - UNIFIMES. E-mail: samaramoreira55@hotmail.com

²Docente de medicina veterinária - UNIFIMES.

A síndrome uveodermatológica (SUD) se trata de uma doença autoimune rara que pode causar lesões oculares, dermatológicas e em alguns casos alterações neurológicas. As doenças autoimunes surgem quando ocorre um distúrbio no sistema imunológico e este reconhece células e tecidos próprios como invasores. Este trabalho tem como finalidade realizar uma revisão bibliográfica sobre as causas desta doença autoimune, sinais clínicos, métodos de diagnóstico e formas de tratamento. Para obtenção de tais informações foram utilizadas bases de dados Google Acadêmico, PubMed e Scielo. A etiologia da SUD ainda não é bem definida, no entanto está associada à fatores raciais, genéticos e hereditários, e desde a sua descoberta o maior número de casos descritos foi em cães de raça pura, sendo a raça Akita a mais acometida. O conhecimento da patofisiologia da síndrome se faz necessário para diferenciá-la das demais doenças autoimune e melhor diagnosticá-la. Na síndrome uveodermatológica ocorre o reconhecimento de melanócitos por células de defesa (linfócitos B e T) como células invasoras, estes formam uma resposta imunológica humoral levando à apoptose e fagocitose das células próprias. Essa destruição dos melanócitos desencadeia os primeiros sinais clínicos no animal os quais envolvem: lesões oculares e/ou lesões dermatológicas como despigmentação da íris e coróide, fotofobia, deslocamento de retina, alopecias, ulcerações cutâneas, vitiligo em regiões de focinho, escroto e coxins e por conseguinte lesões neurológicas. Mediante os sinais clínicos é importante a realização de testes como PCR, ELISA e outros métodos para concluir o diagnóstico, pois, a SUD se assemelha a outras doenças como leishmaniose, lúpus eritematoso, conjuntivite e glaucoma. Mas para um diagnóstico preciso é necessário realizar exames histopatológicos da pele no qual se observa hiperplasia epidérmica irregular com hiperqueratose e incontinência pigmentar com redução de melanócitos epidérmicos. O tratamento dos sintomas é realizado de forma tópica e sistêmica com uso de corticosteroides, imunossupressores potentes e outros medicamentos específicos para dor, inflamação e sequelas como cegueira, já que se trata de uma doença crônica. O tutor tem papel importante no tratamento, pois ao longo do processo são necessárias avaliações periódicas pelo médico veterinário e o comprometimento do mesmo em realizar o tratamento recomendado ao animal. O prognóstico vai depender da rapidez em identificar a doença e do comprometimento do tutor quanto ao tratamento. Pode-se concluir que apesar da causa base ainda não ser bem definida,



quando se diagnostica precocemente e o tratamento é realizado de maneira correta é possível garantir uma qualidade de vida ao animal acometido.

Palavras-chave: Síndrome uveodermatológica. Doenças autoimunes. Sistema imunológico.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

ACHADOS CLÍNICOS VETERINÁRIOS DECORRENTE DE ACIDENTE OFÍDICO EM EQUINOS

Giovanna Oliveira Costa¹, Thiara Dayane de Souza¹, Samara Martins Calegari¹, Alanna Rezende Costa¹, Raiane Lima de Oliveira¹, Jossayne Cajueiro Sobrinho¹, Rodrigo Martins Ribeiro², Débora da Silva Freitas Ribeiro²

¹Discentes do curso de Medicina Veterinária - UNIFIMES. E-mail: giovanna-oliver@live.com

²Docentes do Curso de Medicina Veterinária - UNIFIMES.

Acidente ofídico é o envenenamento que ocorre através da inoculação de uma peçonha pelo aparelho inoculador (presas) de serpentes. Na maioria das vezes os proprietários ou até mesmo os médicos veterinários diagnosticam a morte dos cavalos como acidente ofídico sem a devida comprovação podendo ser outros agentes etiológicos. O objetivo desta revisão bibliográfica é explicar as particularidades das espécies de cada cobra e seus respectivos venenos. Foram consultados trabalhos acadêmicos e artigos científicos encontrado no Google Acadêmico. Existem 4 tipos de serpentes peçonhentas, o gênero *Bothrops*, *Crotalus*, *Lanchnesis* e *Micrurus*. A graveza do acidente vai depender da quantidade de veneno inoculado, e sua ação no organismo do animal do local acometido e o tempo de duração. É de suma importância identificar a espécie da serpente, pois cobras não peçonhentas podem ser tratadas com higienização da ferida, e as peçonhentas é necessário fazer o uso de um antiveneno adequado. Os locais mais acometidos em equinos são membros, abdômen, úbere e focinho. Serpentes do gênero *Bothrops* (Jararaca) são as mais perigosas, pois o seu veneno tem ação necrosante ou proteolítica, causando lesões locais, edema, rubor e ação coagulante. Essa serpente pode ser encontrada em locais úmidos e onde tem sombras. Tendo como sinais clínicos edema local e dor. Serpentes do gênero *Crotalus* (Cascavel) são responsáveis pela maioria dos acidentes ofídicos em animais e são identificadas através do chocalho, preferem locais mais secos, seu veneno tem efeito neurotóxico, miotóxico e coagulante. Os sinais clínicos são dores musculares e distúrbios na coagulação sanguínea. Serpentes do gênero *Lanchnesis* (Surucucu) são as maiores serpentes peçonhentas da América Latina e preferem locais úmidos, seu veneno tem ação necrosante, coagulante e vasculotóxica tendo como sinais clínicos dor, edema e necrose no local da picada. Finalizando existe as serpentes do gênero *Micrurus* (Coral) existe a verdadeira e a falsa, sendo a falsa não peçonhenta, o veneno dessa serpente é neurotóxico, e os sinais clínicos são paralisia muscular e acometimento da junção neuromuscular. Para o tratamento deve ser utilizado soro antiofídico específico, uso de analgésicos para aliviar as dores, manter o animal hidratado e profilaxia anti-tetânica. Quando picado o animal deve receber auxílio imediato, para que o veneno não fique circulando pelo corpo o ideal é imobilizar o mesmo até a chegada



de um médico veterinário para entrar com o tratamento específico. Conclui-se que os acidentes ofídicos seja por uma serpente peçonhenta ou não, causam algum tipo de efeito local, portanto analisar a intensidade das manifestações clínicas é muito importante para assim dar início ao tratamento correto e aumentar o prognóstico.

Palavras-chave: Cobras. Acidentes ofídicos. Sintomas.



Clínica Médica e Cirúrgica Animal

SIALOCELE OU CISTO SALIVAR EM CÃES: REVISÃO DE LITERATURA

Jhosani Beatriz Bispo da Silva¹, Rodrigo Martins Ribeiro², Débora da Silva Freitas Ribeiro²

¹Discente do Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES. E-mail: jhosanib5@gmail.com

²Docente do Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES.

Também conhecida como mucocele, a sialocele ocorre pela obstrução de glândulas salivares e de seus ductos excretores nos animais, sendo mais comum em cães do que em felinos. Pode ser causada por rupturas dos ductos salivares, traumatismos, originada por presença de cálculos ou causas desconhecidas. A saliva extravasada irá se acumular no tecido conjuntivo adjacente induzindo a uma reação inflamatória nos tecidos vizinhos e para assim evitar que atinja outros locais, forma-se um tecido de granulação circundando-o, sendo caracterizada como pseudocisto. Os cães dispõem de inúmeras glândulas salivares menores distribuídas por toda cavidade oral e quatro pares de glândulas maiores sendo elas as parótidas, zigomáticas, sublinguais e submandibulares. A localização do cisto e sinais clínicos dependem da glândula salivar afetada, sendo mais comum o aparecimento de um aumento de volume ou massa flutuante de consistência mole, uni ou bilateral, não aderido, circunscrito, de superfície lisa, e indolor a palpação. Pode ocorrer em um mesmo animal mais de um tipo de sialocele simultaneamente. Há dois tipos, a sialocele rânula onde o acúmulo de saliva se dá no ducto salivar sublingual, com desvio lateral da língua, podendo apresentar dificuldade de apreensão dos alimentos, disfagia, hemorragias e anorexia. A forma mais comum, é a sialocele cervical que se manifesta de forma aguda e o acúmulo de saliva é na região da parótida ou região submandibular. O diagnóstico é fundamentado no histórico do paciente, exame físico, e análise do material obtido através de citologia aspirativa, sendo este definitivo para o diagnóstico quando se encontra viscoso, translúcido, espesso, de coloração amarela a avermelhada e com aparência de saliva. O indicado para o tratamento da sialocele rânula inclui, a extração somente da rânula, marsupialização onde se é retirada uma parte da lesão e feita a sutura das suas margens com a mucosa adjacente, deixando assim uma via de eliminação do muco para o exterior dos tecidos ou a extirpação da rânula e da glândula sublingual simultaneamente. Já para o tratamento da sialocele cervical o recomendado é a realização da sialoadenectomia onde se é feito a ressecção da glândula salivar comprometida além da destruição do ducto salivar correspondente, no entanto, dependendo do tamanho da sialocele não se é possível afirmar o lado da glândula salivar afetada sendo que nesses casos é sugerido fazer ressecção bilateral glandular. Outro caminho que pode ser seguido é o tratamento conservativo que é realizado através de antibióticos e anti-inflamatórios, entretanto este tratamento pode



causar recidivas. Mesmo após o procedimento cirúrgico e retirada da glândula o animal continua com a capacidade de umedecer os alimentos devido a outras glândulas salivares que suprem a necessidade de produção salivar. Esta revisão abordada é de grande relevância para a saúde animal, devendo fazer parte do conhecimento dos profissionais da área. Sendo levado em consideração que no diagnóstico diferencial são incluídos sialoadenites, cistos, abscessos, hematomas, neoplasias salivares, corpos estranhos e hiperplasia fibrosa, sendo que estas levam a prejuízos da qualidade de vida e saúde dos animais acometidos.

Palavras-chave: Mucocele. Pseudocisto. Glândula salivar.



Produção e Reprodução Animal

ANÁLISE DE PROPRIEDADES RURAIS DESTINADAS À BOVINOCULTURA LEITEIRA SITUADAS NO MUNICÍPIO DE MINEIROS- GO E REGIÃO

Juliana Bruno Borges Souza¹, Thaynara Souza Moreira¹, Eric Mateus
Nascimento de Paula²

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES. E-mail: julianabbsouza@hotmail.com

²Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

A crescente demanda da população mundial, exige com que intensifique a produção animal, visando suprir suas necessidades alimentícias e, com isso, têm-se elevado consideravelmente o número de rebanhos no país. Dentre os diversos sistemas de produções, a bovinocultura leiteira destaca-se em diversas propriedades rurais, visto que, oferece um crescente índice produtivo. Desta forma, é imprescindível que tenha a garantia de qualidade em todas suas etapas, com o intuito de oferecer leite e derivados seguros para os consumidores. O município de Mineiros, no Estado de Goiás, destaca-se por sua alta produção agropecuária. Dentre as diversas criações animais com índices produtivos significativos, tem-se a bovinocultura leiteira, a qual contribui diretamente para a economia da cidade, impactando na circulação do capital financeiro. O presente trabalho objetivou analisar dados de propriedades rurais situadas no município de Mineiros/GO, as quais desenvolvam atividades ligadas à bovinocultura leiteira. Em um primeiro momento, os dados foram obtidos com os próprios produtores e, posteriormente, as propriedades foram analisadas direcionando-se aos seguintes parâmetros: quantidade de animais, estimativa da produção diária, tipo de ordenha utilizada, destinação do leite e a presença de outras espécies na propriedade. Dez propriedades rurais foram analisadas, as quais 90% localizadas no município de Mineiros e 10% em Portelândia. A quantidade total de animais foi de 1.351 bovinos, com a média de produção diária estimada em 2.076 litros de leite e, em sua totalidade, são utilizadas ordenhadeiras mecânicas. A produção é destinada à três laticínios presentes na região, sendo 80% para o município de Jataí e 20% para Portelândia. Em relação à outras espécies animais, 50% possuem outras pequenas criações, como equinos, suínos, aves e peixes. Diante dos resultados, foi possível observar que o perfil dos produtores está relacionado a pequenas propriedades rurais com uma expressiva utilização de tecnologia e equipamentos, onde se destaca o principal ponto crítico dessa cadeia, a etapa de produção. Se esta não for realizada de maneira correta, maximiza os riscos de contaminação por microrganismos patogênicos, incluindo diversas fontes. Desta forma, cuidados ao longo de toda cadeia agroindustrial do leite devem ser empregados visando manter tanto a qualidade, quanto a quantidade dos produtos; além de quantificar e contabilizar todos os dados



relacionados à essas propriedades, e assim monitorar e prever possíveis susceptibilidades e fragilidades.

Palavras-chave: Caracterização. Dados quantitativos. Epidemiologia. Fazendas. Leite.



Produção e Reprodução Animal

DESENVOLVIMENTO E APLICAÇÃO DE ANIMAIS TRANSGÊNICOS

Andressa Rodrigues Amorim¹, Priscila Chediek Dall'Acqua²

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES). E-mail: aramorimm@gmail.com

²Docente do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

A transgenia consiste na modificação do genoma de um indivíduo através da introdução, modificação ou inativação de um ou vários genes de interesse. A criação de animais transgênicos visa, além do estudo do genoma e do papel que este desempenha na fisiologia do animal, melhorar características de produtividade e possibilitar a produção de proteínas de outras espécies, por exemplo, leite de cabra produz proteína da teia de aranha ou insulina. Além disso, podem ser modelos para o estudo e tratamento de diversas doenças. Desta forma, o objetivo deste estudo foi realizar uma breve revisão de literatura, nas bases de dados do Google Acadêmico e PubMed, sobre os métodos empregados na produção de animais transgênicos e sua aplicação prática. O método mais antigo é a adição gênica que introduz genes endógenos ou exógenos da espécie, com o interesse de aumentar a produção de uma proteína já existente ou de produzir uma proteína de outra espécie pela introdução da sequência codante ao DNA. No entanto, a taxa de incorporação gênica é baixa e, os animais nascidos devem ser genotipados para a certificação da incorporação do transgene. As técnicas de adição gênica incluem: cultivo de embriões com retrovírus ou lentivírus, microinjeção pronuclear, produção de quimeras a partir de células tronco embrionárias e espermatozoides, complexos de lipossomos e DNA, transposons, eletroporação, transferência nuclear e, transplante de células germinativas masculinas. Neste método de transgenia, a inserção da sequência genética ocorre de maneira aleatória, o que pode causar um efeito não intencional, quando o gene se insere em uma região do cromossomo que reduz ou impede a sua expressão, resultando em um fenótipo não desejado. Ainda, a inserção aleatória pode inativar um gene essencial ao desenvolvimento, podendo levar à morte do animal. Para contornar esse problema, foram desenvolvidas métodos de edição gênica para a modificação genética dirigida ao local do gene, com o objetivo de alterar e inativar genes específicos. Pela substituição por uma sequência mutada para inativar o gene endógeno, gerando o modelo *knockout* ou, pela alteração de apenas uma sequência do gene para produzir uma proteína modificada, criando o modelo *knockin*. A técnica mais moderna, eficaz, de fácil e rápida execução é o sistema CRISPR/Cas, o qual reconhece e se liga a uma sequência específica do DNA para promover inserções ou deleções. Animais transgênicos possuem diversas aplicações médicas, por exemplo, xenotransplantes de órgãos de suínos transgênicos para humanos. Para evitar o ataque do sistema imunológico ao órgão transplantado são utilizados



marcadores humanos ou animais que não expressam a proteína imunogênica em seres humanos, produzidos através da técnica de *knockout*. Em animais de produção, a transgenia permite a inserção de características ligadas à produtividade e qualidade do produto, por exemplo, produção de leite, carne, ovos, lã, crescimento, resistência ao ambiente, ectoparasitas e doenças. Além disso, podem ser utilizados para a produção de fármacos, como a insulina extraída do leite modificado. Em conclusão, a transgenia pelo sistema CRISPR/Cas representa uma ferramenta potencial para o desenvolvimento da indústria, da produção animal e da terapêutica em medicina humana.

Palavras-chave: Edição gênica. Genoma. Transgenia.



Produção e Reprodução Animal

INTERFERÊNCIA DO SOBREPESO NA PRODUÇÃO DO LEITE DE ÉGUAS LACTANTES

Andressa Rodrigues Amorim¹, Rodrigo Martins Ribeiro², Debora da Silva Freitas Ribeiro²

¹Discente de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES. E-mail: aramorimm@gmail.com

²Docentes do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES.

De acordo com dados da Universidade de São Paulo Esalq, em 2018 a equinocultura movimentou no Brasil cerca de 16,5 bilhões de reais, evidenciando desta forma a representatividade da área para o país. Em desafio ao bom desenvolvimento da criação de equinos encontra-se o sobrepeso, relativamente comum para esses animais e causador de diversas anormalidades à saúde dos cavalos, dentre elas: falhas na produção do leite de éguas lactantes. O objetivo do trabalho é realizar uma breve revisão bibliográfica sobre os malefícios do sobrepeso no leite de éguas, utilizando o Google acadêmico como fonte de pesquisa e como método de busca: obesidade, éguas e leite. Segundo o sistema de avaliação por escore corporal desenvolvido por Henneke em 1983, cavalos com ECC 7 estão classificados com sobrepeso, e a obesidade é demonstrada pelos escores ECC 8 e ECC 9, a partir dessas avaliações detectam-se níveis elevados de gordura corporal nos animais que podem apresentar deficiências na termorregulação, ineficiência reprodutiva, intolerância à atividades físicas e aumento da probabilidade de desenvolvimento de lipomas mesentéricos. Em éguas gestantes dados apresentados indicam que a obesidade corporal se relaciona com a concentração de gordura no leite e de sólidos totais produzidos, onde animais que apresentam maior escore corporal indicam índices de maior gordura no leite, e menor número de sólidos. Um estudo relevante com 18 éguas induzidas ao sobrepeso nutricionalmente apresentaram resultados onde os animais obesos produziram um leite com menor teor de sólidos totais, e maiores quantidades de gordura do que em comparação ao leite de éguas que estavam com o escore corporal equilibrado. Dados referentes à quantidade de leite produzido pelas éguas gestantes também se apresentou inferior quando comparado aos animais com o peso ideal. Com a finalidade de uma criação de potros cada vez mais saudáveis e fortes, requer-se controle referente ao peso das éguas para obtenção de maior qualidade e produtividade do leite fornecido aos recém-nascidos, evitando assim perdas econômicas e visando maior desenvolvimento na criação de cavalos no Brasil.

Palavras-chave: Éguas gestantes. Escore corporal. Obesidade.



Produção e Reprodução Animal

PARTO DISTÓCICO EM BOVINOS: RELATO DE CASO

Júlia Monteiro Cunha¹, Ketlyn Harinne Sousa Santos², Lara Giovana Diniz³,
José Tiago das Neves Neto⁴, Priscila Chediek Dall'Acqua⁴

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES). E-mail: monteirocjulia@gmail.com

²Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES). ³Responsável técnico da Fazenda experimental Luís Eduardo Oliveira Sales (FELEOS).

⁴Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

Em comparação à outras espécies animais, a bovina é a que mais apresenta casos de distocia, ocasionando prejuízo econômico ao produtor. A distocia define-se como incapacidade do parto. Fisiologicamente, nos momentos que antecedem o parto a vaca apresenta sinais como flacidez e edema vulvar, elevação da base da cauda e é capaz de entrar em trabalho de parto a qualquer momento. No decorrer da fase de expulsão a vaca pode se posicionar em decúbito externo, lateral ou em estação, esse período pode levar de 1 a 4 horas. A forma de apresentação correta do bezerro no parto eutócico é longitudinal anterior ou posterior, posição superior e atitude estendida. No entanto, as distocias podem decorrer de problemas maternos ou fetais. As distocias de origem fetal podem ser ocasionadas devido a gestação prolongada, tamanho do feto, pela raça, alterações da estática fetal e até mesmo defeito nos membros. Distocias de origem materna resultam de torção do útero e insuficiência das contrações. A maior incidência de partos distócicos em bovinos relaciona-se à fatores como: raça, conformação do animal (touro ou vaca), peso, número de parições, condição da matriz no parto, época do parto, número de fetos e sexo (mais comum em gestações de machos) e, particularmente, a posição em que o feto se apresenta. Este trabalho tem como objetivo, relatar um caso clínico de distocia em bovino. Foi acompanhado em uma propriedade no município de Mineiros/GO, um bovino, fêmea, da raça Girolando pesando 450 kg, primípara, apresentando dificuldade no parto. O animal se apresentava em estação com contrações e a bolsa alantoideana rompida há mais de 2 horas sem conseguir realizar a expulsão do feto. O bezerro estava em apresentação longitudinal anterior, posição superior, com a cabeça lateral e carpo flexionado. Foram realizadas manobras obstétricas de rotação para auxiliar na expulsão do feto, porém não foi possível. Então, o animal foi encaminhado para uma cesariana emergencial. Com o animal em decúbito lateral, foi realizada anestesia peridural e local com lidocaína a 2%, seguida de incisão paramediana ventral. O feto fêmea, oriundo de inseminação artificial, já estava morto quando a vaca foi encaminhada para a cirurgia. Após a remoção do feto, o útero foi suturado com padrão Schimieden e, depois, uma sutura de Cushing com fio



categute. A fáschia foi suturada em x com fio de algodão, o espaço morto foi reduzido com categute e, a dermorrafia foi em pontos Capton e Wolf com fio de algodão. No pós-operatório foi realizado tratamento com flunixin meglumine 1,1mg/Kg por 5 dias e antibioticoterapia com penicilina 1 ml para 8,5 a 25Kg durante 7 dias. Os pontos foram removidos após 15 dias. Em conclusão, a distocia é comum em bovinos e pode levar a perdas econômicas decorrentes da morte da matriz e/ou do feto, uma rápida identificação da situação e intervenção do Médico Veterinário através de manobras obstétricas, administração de fármacos ou procedimentos cirúrgicos para a expulsão do feto, podem minimizar os prejuízos. É importante ressaltar que fatores de risco devem ser evitados, principalmente, nos acasalamentos dirigidos.

Palavras-chave: Distocia. Cesariana. Girolando.



Produção e Reprodução Animal

O QUE ESPERAR DA UTILIZAÇÃO DA SOMATOTROPINA BOVINA (BST)?

Laura Fernandes Santos¹, Thiago Machado Resende¹, Lara Giovana Diniz²
José Tiago da Neves Neto³, Priscila Chediek Dall'Acqua³

¹Acadêmicos do curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

²Médica Veterinária - UNIFIMES

³Docente do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

A somatotropina bovina (bST), utilizada desde 1994 no Brasil, é substancial como fator de crescimento nos mamíferos. Portanto, também pode ser conhecida por hormônio do crescimento (GH, do inglês *growth hormone*), este, pode ser encontrado em diversas formas comerciais e sua aplicação via subcutânea torna o manejo mais acessível ao produtor. Ainda assim, devido a sua propriedade única e eficaz galactopoiética este hormônio vem sendo utilizado pelos produtores principalmente por oferecer um aumento na produção de leite que pode vir a ser de 10 a 40%. Além disso, é bastante considerada por aumentar a persistência de lactação sem interferir na composição do leite. O mecanismo de ação se baseia em um processo de síntese láctea, na qual os hormônios (somatotropina, prolactina, glucagon, insulina) são responsáveis por interferir, iniciar ou bloquear cada processo da lactogênese. Sendo assim, a somatotropina é produzida na adeno-hipófise e tem seu efeito voltado para o crescimento de todos os tecidos, possibilitando um aumento no tamanho das células e no número de mitoses feito por elas, o que se faz importante no desenvolvimento da glândula mamária para se ter uma boa lactação. Este trabalho objetivou realizar uma revisão bibliográfica sobre o uso da somatotropina em vacas, reunindo informações obtidas em diferentes publicações encontradas nas bases de dados do Google Acadêmico (www.scholar.google.com.br) e SciELO (www.scielo.org). O levantamento bibliográfico foi realizado durante o período de 24 de julho a 05 de agosto de 2019. Diante disso, a bST é um controlador homeorrético contribuindo para que haja um desvio nutricional, ou seja, ao que antes supriria na musculatura ou seria reserva energética, agora é redirecionado para a síntese do leite, coordenando a manutenção da glândula mamária que se torna mais exigente. Ao que vem sendo estudado o uso do hormônio quando o animal apresenta um balanço energético positivo faz com que o mesmo diminua a síntese de gordura no tecido adiposo, já em balanço energético negativo, induz a lipólise para uma maior repuxo de energia para a produção láctea. Além disso, facilita um aumento do fator de crescimento semelhante a insulina (IGF-I) no colostro, que favorece o crescimento, melhora a maturação folicular e diminui a taxa de perda embrionária precoce pela sua contribuição direta na divisão celular. Em conclusão, além do aumento da produção e persistência na lactação, a bST oferece também uma melhor saúde para a progênie e uma maior eficiência reprodutiva. Vale



ressaltar que, o uso da bST em animais com manejo, abrigo e nutrição inadequadas pode comprometer a sua eficácia. Portanto, é necessário que o produtor faça um levantamento do rebanho com informações precisas sobre a idade do animal, persistência de lactação (PL305), escore corporal, eficiência reprodutiva, contagem de células somáticas (CCS) individual e histórico de mastite, e por conseguinte, é primordial o orçamento da bST para que haja uma análise eficiente do seu retorno monetário.

Palavras-chave: Hormônio. Persistência. Lactação. Produção.



Produção e Reprodução Animal

ASPECTOS NEGATIVOS DA CONSANGUINIDADE BOVINA

Ketlyn Harinne Sousa Santos¹, Júlia Monteiro Cunha², Andressa Rodrigues Amorim², José Tiago das Neves Neto³, Priscila Chediek Dall'Acqua³

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES). E-mail: harinneketlyn@gmail.com

²Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

³Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

A consanguinidade ou endogamia consiste no cruzamento entre indivíduos estreitamente aparentados, é uma técnica que foi bastante utilizada em programas de melhoramento genético animal, na tentativa de aumentar a frequência dos genes de animais que possuem uma determinada característica de interesse e uniformizá-los. No entanto, este recurso possui alguns inconvenientes. A carga genética dos animais é bastante variada, então, quando é realizado o cruzamento consanguíneo, além de aumentar a frequência dos genes desejáveis, pode-se aumentar também dos genes deletérios. Isso implica em defeitos genéticos nos animais provenientes destes cruzamentos, acarretando outras perdas econômicas, como, por exemplo, redução geral da fertilidade, sobrevivência e aptidão sexual do rebanho. Em rebanhos leiteiros, é possível observar como essas falhas impactam negativamente na duração da lactação e na produção de leite, além de influenciar na qualidade deste leite. Também podemos atribuir à consanguinidade a redução do crescimento, alterações na habilidade materna e na susceptibilidade do animal à doenças pela redução da imunidade. Assim, é de extrema importância a seleção dos animais e a avaliação dos acasalamentos, levando em conta o coeficiente de consanguinidade da progênie. Porém, na maioria dos casos este acompanhamento não é realizado e ocorre a cruza de animais de linhagem próxima, que em um primeiro momento, pode atuar positivamente no melhoramento genético, mas em decorrência da consanguinidade pode acarretar no aparecimento de características não desejáveis no rebanho. A consanguinidade ainda assim é recorrente em pequenas propriedades dado que estas utilizam em sua maioria monta natural e, nesses casos é necessário que o touro seja constantemente trocado para que não reproduza com suas próprias filhas e netas, mas são raros os casos em que isso acontece, então são frequentes os acasalamentos consanguíneos. Mesmo que os acasalamentos ocorram entre animais de parentesco mais distante e este problema seja menor, continua a ser um tipo de acasalamento que deve ser utilizado com cautela. Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica. A metodologia utilizada é baseada em trabalhos acadêmicos (google acadêmico, scielo). Em conclusão, é de extrema



importância econômica o controle reprodutivo entre animais aparentados, reduzindo prejuízos econômicos ao minimizar a probabilidade de defeitos genéticos indesejáveis nas progênes.

Palavras-chave: Acasalamento. Genética. Reprodução.



Produção e Reprodução Animal

**TECNOLOGIA PROMISSORA: EFEITOS DOS PEPTÍDEOS BIOATIVOS
PRESENTE EM ALIMENTOS**

Samara Martins Calegari¹, Murilo Resende Silva², Alanna Rezende Costa²,
Raiane Lima de Oliveira², Vitor Lopes Barros², Jossayne Cajueiro Sobrinho²,
Giovanna Oliveira Costa², Stanislau Parreira Cardozo³

¹Discente de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES). E-mail: samara.m.calegari@hotmail.com

²Discentes de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

³Docente de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

Os peptídeos bioativos (PBA), descritos pela primeira vez em 1950 por Mellander, são fragmentos específicos de proteína e possuem efeitos benéficos para a saúde humana. Atuando como reguladores são atribuídos à presença ou sequência de 2 a 20 aminoácidos na estrutura proteica. Tais peptídeos são encontrados em estado inativo quando inseridos na cadeia polipeptídica da proteína (união de vários aminoácidos), podendo ser liberados através da hidrólise (*in vivo* ou *in vitro*) por enzimas digestivas como pepsina, tripsina ou por microrganismos proteolíticos (alcalase e termolisina) ou ainda por enzimas proteolíticas procedentes de microrganismos ou plantas. O leite está entre os principais produtos que dão origem a peptídeos bioativos, contudo podem estar presentes em ovos, peixes, carnes, cereais e soja. Este trabalho tem como finalidade realizar uma revisão bibliográfica sobre peptídeos bioativos em alimentos caracterizando os seus efeitos nos principais sistemas corpóreos, além de descrever as principais características e mecanismos de ação. Trata-se de uma revisão bibliográfica onde foi pesquisado informações sobre peptídeos bioativos em alimentos nas bases de dados Google Acadêmico (scholar.google.com.br), PubMed (www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed) e Scielo (www.scielo.org). A pesquisa foi limitada a artigos publicados no período de 2009 a 2018. Os peptídeos bioativos constituem-se em fragmentos que promovem impacto positivo nas principais funções do organismo e conseqüentemente influenciam na saúde. Para sua obtenção através da hidrólise deve-se observar parâmetros como temperatura, pH, tempo de hidrólise a fim de otimizar o processo. Após a hidrólise proteica os PBAs atravessam as membranas biológicas chegando aos tecidos periféricos, por meio da circulação sanguínea, podendo apresentar ações específicas no local ou em sítios mais distantes. Exercem diversas funções em sistemas do organismo como anti-hipertensiva (destaca-se pela sua capacidade inibitória da enzima conversora de angiotensina I (ECA) atuando no controle da pressão sanguínea), função antitrombótica e antioxidante no sistema cardiovascular. No sistema nervoso desenvolve atividades similares aos opióides contribuindo para aumentar o limiar da dor.



Além disso, no sistema gastrointestinal exercem ação antimicrobiana e inibidora de apetite, também no sistema imunológico exerce ações antimicrobianas, imunomodulatória e citomodulatória. A produção comercial dos peptídeos bioativos ainda se encontra limitada pela escassa literatura disponível assim como pela carência tecnologia para sua obtenção, sendo que a mais empregada é a ultrafiltração a partir da hidrólise das proteínas. Posto isto, têm-se excelentes perspectivas em relação ao avanço científico quanto aos efeitos e a produção dos peptídeos bioativos, visando paralelamente o aumento das exigências de consumidores e consequentemente a indústria alimentícia em relação à qualidade nutricional dos alimentos.

Palavras-chave: Benefícios. Fragmentos bioativos. Proteína. Saúde.



Produção e Reprodução Animal

**UTILIZAÇÃO DO ACETATO DE MELENGESTROL (MGA) PÓS
PROTOCOLO DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL EM TEMPO FIXO (IATF) EM
VACAS DE CORTE**

Ana Clara de Rezende Araújo¹, Priscila Chediek Dall' Acqua², José Tiago das
Neves Neto²

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária UNIFIMES, E-mail:
ana.rezendearaujo@gmail.com

²Docentes do Curso de Medicina Veterinária UNIFIMES

Pesquisas, recentes, tem buscado medidas que visam aumentar as concentrações plasmáticas de progesterona (P4) após a IATF, através das diversas formas de suplementação de P4 disponíveis afim de melhorar a sinalização materno fetal. O objetivo do presente trabalho, é realizar uma breve revisão de literatura sobre a utilização do acetato de melengestrol (MGA ®Premix) pós protocolo de IATF em vacas de corte, destacando a forma de fornecimento e resultados. Os dados foram coletados de quinze de fevereiro a dezesseis de março de 2019. A P4 é fundamental para preparar o ambiente uterino, fornecer maior quantidade de nutrientes para o conceito, manutenção da gestação e, o sucesso do reconhecimento materno da gestação, em vacas, é relacionado ao desenvolvimento do embrião juntamente à produção da proteína interferon-tau (IFN- τ), a qual é dependente da secreção materna de P4 e, sua baixa concentração após a fertilização, reduz a liberação de IFN- τ desencadeando a transcrição de receptores de ocitocina e a liberação de prostaglandina. De acordo com Perez (2005) o acetato de melengestrol (MGA ®Premix) é um esteroide progestacional sintético de atividade oral e, seu fornecimento é recomendado do 13^o ao 18^o dia pós- IATF, totalizando a quantidade fornecida recomendada pelo fabricante de 13,68 gramas por animal. Atualmente, acredita-se que a administração pós protocolo de IATF melhora a taxa de concepção em animais que apresentaram anestro pós-parto. Sua utilização é justificada pelo baixo custo, R\$0,40/animal/dia com o fornecimento de 2,28g de MGA/vaca/dia, não exigir manejo extra e, maior taxa de retorno ao cio. Rodrigues (2014) e Loiola (2018) descreveram que, para controlar o consumo animal de MGA ®Premix misturou quatro quilos de sal mineral para cada 2,28g de MGA ®Premix por animal, o qual era fornecido às oito horas e, ao meio dia era realizada a leitura de cocho, se o cocho estivesse limpo era reabastecido com sal mineral puro, se ainda tivesse sal misturado com produto, este permanecia até ser totalmente consumido. Forde (2011) observou que animais que receberam a suplementação de progesterona exógena demonstraram mudanças no endométrio bovino, enquanto as baixas concentrações de P4 foram relacionadas a baixa capacidade do útero suportar o crescimento do conceito. Resultado semelhante ao descrito por Mann & Lamming (1999), que constataram que quando há o fornecimento



exógeno de progesterona ocorrem a diminuição das perdas embrionárias em 5,0%. Silva Junior (2014) concluiu que, a suplementação após IATF com MGA aumenta a taxa de concepção em vacas Nelore.

Palavras-chaves: Concepção. Progesterona. MGA.



Produção e Reprodução Animal

FOLICULOGÊNESE E OOGÊNESE EM CADELAS

Izabella Ferreira Queiroz¹, Priscila Chediek Dall'Acqua²

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES). E-mail: izabella.fqueiroz@outlook.com

²Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

A foliculogênese, processo no qual os folículos são formados, tem início na vida fetal da fêmea em quase todas as espécies de animais domésticos, com exceção da cadela. Além desta, as cadelas apresentam outras particularidades na fisiologia reprodutiva no que tange ao desenvolvimento do folículo e do oócito em seu interior que as diferenciam de outras espécies de animais domésticos. Essas diferenças dificultam a utilização de biotecnologias reprodutivas em cadelas, diferentemente do que ocorre nos animais de produção, principalmente, pelas diferenças fisiológicas entre as espécies. Portanto, o objetivo deste trabalho é apresentar uma breve revisão de literatura, realizada na base de dados do Google Acadêmico, sobre a os mecanismos fisiológicos responsáveis pela foliculogênese e oogênese em cadelas. A foliculogênese se inicia 2 a 3 semanas após o nascimento, quando os folículos primordiais são formados e, desta forma, é estabelecida a reserva folicular ovariana de aproximadamente 100000 folículos por ovário. Esta etapa é caracterizada pela proliferação acentuada e diferenciação das células somáticas em foliculares, associada ao desenvolvimento dos oócitos, os quais estão localizados no interior dos folículos. A medida que o folículo cresce, o oócito também cresce e se desenvolve, processo este denominado oogênese. Portanto, a foliculogênese é um processo concomitante com a oogênese e ambos são fundamentais para o adequado crescimento, desenvolvimento e maturação oocitária, fertilização e, início do desenvolvimento embrionário, possibilitando a reprodução da cadela. Quando a cadela atinge a puberdade, os folículos antrais iniciam seu crescimento, no entanto, o diâmetro e o número de folículos em crescimento dependem do tamanho da fêmea. Em média, os folículos apresentam aproximadamente 1 mm de diâmetro no final do anestro e, atingem 5 a 7 mm no momento da ovulação. Diferentemente de outras espécies, os folículos ovarianos das cadelas possuem receptores para o hormônio luteinizante (LH) já no início do desenvolvimento, por isso, essa espécie apresenta luteinização da parede folicular antes da ovulação, com consequente aumento da secreção de progesterona. Isso implica no crescimento e desenvolvimento também do oócito em elevadas concentrações de esteroides produzidos pelas células foliculares sob estímulo desta gonadotrofina. Apesar da ação do LH no folículo ovariano, este não é capaz de induzir a retomada da meiose e consequente maturação do oócito da cadela antes da ovulação como ocorre nas outras espécies de animais



domésticos, por isso, as cadelas liberam oócitos ainda imaturos no momento da ovulação, apesar de apresentarem expansão das células do cumulus e, somente no oviduto estes sofrem o processo de maturação. Logo nos primeiros dias após a ovulação eles passam por alterações citoplasmáticas e permanecem na porção distal do oviduto por 2 a 4 dias para então ocorrer a retomada da meiose, possivelmente desencadeada por fatores secretados pelo oviduto e pela progesterona, o que culmina no término da maturação oocitária com um oócito apto a ser fertilizado. Em conclusão, a melhor elucidação da foliculogênese e oogênese em cadelas possibilitará a proposta de novas estratégias para a aplicação de biotecnologias reprodutivas de forma a mimetizar o processo fisiológico e suas particularidades.

Palavras-chave: Ovário. Folículo. Oócito.



Medicina Veterinária Preventiva

CONTROLE E TRATAMENTO CLÍNICO DA LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA

José Eduardo de Oliveira¹, Helen Divina Tomaz Pereira¹, Bianca Silva Vieira¹, Francielly Paludo²

¹Discente da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Rio Verde. E-mail: zezinho25oliveira@hotmail.com

²Mestranda do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano - Campus Rio Verde.

Leishmaniose Visceral Canina (LVC) é uma patologia de caráter zoonótico de alto impacto na saúde pública e de notificação compulsória. É causada pelo protozoário *Leishmania spp.*, sendo que a principal via de transmissão é através da picada do inseto da subfamília Phlebotominae *Lutzomyia longipalpis*. Historicamente foi atribuída como uma doença da zona rural, contudo com o processo de aglomeração nos centros urbanos, essa doença se adaptou as cidades, tendo o cão como principal reservatório. Este resumo tem como objetivo abordar alguns aspectos do controle e do tratamento clínico dessa patologia. Para confecção desse resumo foi realizado uma revisão bibliográfica com os seguintes termos: “protocolo terapêutico canino”, “Leishmaniose visceral canina”, “Leishtec” e “Milteforan”, onde somente as publicações posteriores a 2016 foram selecionadas. Estudos corroboram que a incidência de LVC é um forte indicativo de futuras ocorrências de casos em humanos e uma vez constatado esse fato, devemos tomar conhecimento dos métodos de sua prevenção, controle e seu tratamento. Para prevenção é necessário evitar a picada do flebotomíneo e para isso pode ser feito uso de repelentes, como as coleiras impregnadas de deltametrina a 4% constatada hoje como a principal forma de prevenção e controle da doença. Também pode ser feito uso de outros produtos de uso tópico, bem como telas do tipo malha fina em canis sejam eles individuais ou coletivos. Somado a esse conjunto de ações, também pode ser adotado o combate dos criadouros do inseto vetor, que consiste em evitar o acúmulo de material orgânico. Outra medida efetiva é a administração de vacinas em animais que foram testados e comprovados que são soro-negativo para a LVC. Além disso, o controle populacional de cães dos municípios é outra maneira de se prevenir a continuidade do ciclo biológico da doença. Com relação ao tratamento clínico, na atualidade é permitido apenas o uso de um medicamento, a Miltefosina, que foi liberado para utilização apenas em novembro de 2016. Uma desvantagem dessa medicação é que o tratamento é oneroso, impossibilitando o acesso da maioria da população brasileira, além da necessidade de exames recorrentes e monitoramento por um profissional especializado visto que o medicamento promove a cura clínica e não parasitológica. Contudo, essa é uma alternativa que existe aos pacientes com LVC, já que anteriormente, como não existia tratamento clínico autorizado,



todos os animais deveriam ser encaminhados a eutanásia. Devido à importância do cão na manutenção do ciclo urbano dessa patologia, é de suma importância a disseminação dos métodos de controle e de tratamento dessa zoonose nesses animais, bem como a conscientização em relação ao fato que essa espécie é tanto vítima da doença como a espécie humana.

Palavras-chave: Cães. Controle e tratamento. Leishmaniose Visceral Canina.



Medicina Veterinária Preventiva

AVALIAÇÃO DA PREVALÊNCIA DE CÃES E GATOS CASTRADOS NO MUNICÍPIO DE MINEIROS-GO

Juliana Bruno Borges Souza¹, Thaynara Souza Moreira¹, Raiane Lima de Oliveira¹, João Marcelo Carvalho do Carmo¹, Vítor Lopes Barros¹, Priscila Chediek Dall' Acqua², Andresa de Cássia Martini Mendes², Eric Mateus Nascimento de Paula²

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES. E-mail: julianabbsouza@hotmail.com

²Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

A proximidade entre humanos e animais vem se intensificando cada vez mais ao passar dos anos, principalmente cães e gatos. Estes animais estão inseridos tanto no meio urbano, quanto em propriedades rurais, independente da classe social pertencente. No entanto, o crescente número de animais domésticos tornou-se uma problemática, não somente devido a superpopulação, mas também pelo fato de aumentar os riscos de diversas patologias, inclusive zoonoses. Uma forma eficaz e amplamente utilizada para o controle populacional de cães e gatos e, como forma de prevenção de algumas patologias, principalmente neoplasias é a castração cirúrgica. Este procedimento, realizado por médicos veterinários, nas fêmeas consiste na retirada dos ovários, das tubas uterinas e do útero das fêmeas e recebe o nome de ovariossalpingohisterectomia (OSH), já nos machos o procedimento é a orquiectomia, em que são removidos os testículos. O objetivo deste estudo, foi avaliar a prevalência de cães e gatos castrados nas residências do município de Mineiros (GO). Para tanto, foi aplicado um questionário para 91 estudantes entre 15 e 18 anos de uma escola pública do município. As questões foram elaboradas visando obter as seguintes informações: possuíam cão e/ou gato; o sexo desses animais; se eram ou não castrados; porque resolveram castrar e quais foram os benefícios observados com a castração. Com base na estatística descritiva do questionário aplicado aos 91 estudantes, os resultados revelaram que 78% (71/91) possuíam cães, destes 71,8% (51/71) são fêmeas e 9,8% (5/51) eram castradas, 56,3% (40/71) possuíam machos e 10% (4/40) eram castrados. Destes, 7 pessoas informaram que a castração foi realizada por médico veterinário, os demais não informaram. Quando questionados a respeito dos gatos, 15,4% (14/91) afirmaram possuir gatos, dos quais 85,7% (12/14) fêmeas e 25% (3/12) castradas, 50% (7/14) machos e 28,6% (2/7) castrados. Dentre eles, 2 pessoas disseram que a castração foi realizada por médico veterinário, já os demais não responderam. Destes, seis pessoas afirmaram ter optado pela realização da castração para evitar a reprodução, três relataram melhoria na qualidade de vida, uma para evitar brigas, uma para evitar perambulação e uma o fato de o animal ser pequeno. Quando questionados sobre os benefícios observados com a castração, 3 pessoas pontuaram que os



animais ficaram mais mansos, mais carinhosos, aumentaram o apetite, duas pessoas relataram preferência do animal por passar a maior parte do tempo em casa e não na rua e que não tem custos com filhotes e, uma pessoa não observou nenhum benefício. De acordo com os resultados, pôde-se perceber que grande parte dos entrevistados possuem animais, sendo os cães em maior número quando comparado aos gatos e, independentemente da espécie, observou-se maior número de fêmeas. No entanto, foi observada baixa prevalência de animais castrados, evidenciando a necessidade da adoção de ações para conscientizar a população sobre a importância da castração e os benefícios que ela promove. Pode-se concluir que a melhor forma de aumentar a expectativa de vida dos animais e prevenir doenças hormônio dependentes é a esterilização cirúrgica.

Palavras-chave: Esterilização cirúrgica. Zoonoses. Saúde coletiva.



Medicina Veterinária Preventiva

ESTAFILOCOCOS COMO PRINCIPAIS AGENTES DE ORIGEM CONTAGIOSA EM MASTITE EM ANIMAIS

Leandra Tapajós Araujo¹, Alexandre Santos Carneiro¹, Weber Nunes Faria¹,
Eric Mateus Nascimento de Paula²

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES. E-mail:
ltapajos18@gmail.com

²Docente do curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES.

A mastite bovina é uma das principais patologias do rebanho leiteiro que vem sendo altamente prejudicial ao comércio de leite e sendo evidenciada devido seu alto índice de resíduos no leite e sua taxa de toxi-infecção elevada, o que leva a extrema importância para a saúde pública. Na área de produção de leite estes fatores preocupantes que causam a redução do volume e qualidade do produto é a mastite, processo que causa inflamação da glândula mamária, onde pode se classificar como clínica ou subclínica, e é dividida em ambiental ou contagiosa, dependendo do agente responsável, origem e meio de transmissão. As bactérias se destacam como principais agentes infecciosos envolvidos. O grupo dos estafilococos ganha destaque entre as bactérias, visto a gravidade das lesões bem como o caráter zoonótico. Desta maneira, objetivou-se realizar uma breve revisão sobre o tema, com base em publicações científicas. Dentre esses agentes, em média 30 espécies prevalentes do gênero *Staphylococcus* estão envolvidas, sendo que o *Staphylococcus aureus* é o mais prevalente e causador de maiores prejuízos. Essa bactéria gram-positiva, é capaz de causar infecções de longa duração, normalmente causando quadros subclínicos e muito propício ao quadro crônico, levando a um alto nível na contagem de células somáticas (CCS). São preocupantes pois além de produzirem toxinas capazes de auxiliar na patogenia da mastite, essas toxinas irão ficar presentes no leite mesmo que passado pelo processo de pasteurização, expondo o consumidor a distúrbio alimentar. Os estafilococos podem também formar microabscessos no parênquima mamário, devido sua viabilidade no interior dos fagócitos e a produção de citolisinas e enterotoxinas. Desenvolveram também, ao longo dos anos, certo tipo de resistência aos antimicrobianos convencionais, sendo eles as tetraciclinas, penicilinas, ampicilinas, oxacilina, dentre outros. Tratamento de difícil cura pois a bactéria é de tendência crônica e elevado potencial transmissor levando geralmente ao descarte dos animais infectados. Sendo a melhor opção, o controle por meio de boas práticas no manejo sanitário do animal e do ordenhador, equipamento na ordenha, além da higienização correta de locais antes, durante e após a ordenha desse rebanho, podendo ocasionar surtos em ambientes inapropriados, e utilizar de forma consciente de antimicrobianos a fim de não criar algum tipo de resistência. Conclui-se que esses agentes têm uma significativa contribuição negativa para a produção leiteira, sendo, portanto, a



profilaxia correta a medida mais cabível e econômica a ser tomada, perante os prejuízos no rebanho, viabilizando assim a garantia do leite e seus derivados, contribuindo para a saúde da população.

Palavras-chave: Glândula mamária. Saúde Pública. *Staphylococcus*. Veterinária.



Medicina Veterinária Preventiva

PRINCIPAIS FATORES DE RISCO RELACIONADOS A REEMERGÊNCIA DA DENGUE NO BRASIL

Eliz Oliveira Franco¹, Eric Mateus Nascimento de Paula²

¹Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros. E-mail: elizfranco17@gmail.com

²Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros.

A Dengue é uma doença infecciosa tropical causada por um arbovírus, da família *Flaviviridae* do gênero *Flavivírus*, qual é transmitido pela picada do mosquito *Aedes aegypti* durante o repasto sanguíneo, tendo como principais sintomatologias: dor de cabeça e no fundo dos olhos, febre alta, petéquias na pele, enjoos e vômitos, mal-estar e cansaço extremo. Muitas informações sobre a enfermidade e a biologia do inseto transmissor já foram amplamente divulgadas em grande parcela da população. Então o que explicaria a manutenção do expressivo número de casos de dengue? A presente articulação tem como objetivo apontar as possíveis justificativas e fatores de risco que expliquem a situação reemergente dessa arbovirose no Brasil. Como método de pesquisa, foram consultadas as principais bases de dados: SciELO, PubMed, NCBI e boletins epidemiológico do Ministério da Saúde; realizando levantamento bibliográfico e pesquisando artigos científicos atualizados e correspondentes ao tema abordado. Observou-se que o número de casos de dengue entre 2018 e 2019, aumentaram em 264%, havendo uma ampliação de casos prováveis de 71.525 para 273.193 respectivamente. A região Sudoeste representa 65,7% desta incidência, seguidas das regiões Centro-Oeste (17,6%) e Nordeste (7,5%). Estando o Centro-Oeste com 298,7 casos/100 mil habitantes e o Sudeste com 204,9 casos/100 mil habitantes. Um ponto significativo se deu pelo controle satisfatório em 2018, criando uma falsa sensação de segurança, fazendo com que a população se tornasse mais displicente com os cuidados profiláticos da doença, levando à um novo aumento do número de casos suspeitos. Adicionalmente, as condições ambientais em 2019 foram caracterizadas com o aumento da pluviosidade. Essa situação propicia a proliferação do vetor. Além disso, houve um retorno da circulação do sorotipo 2 do vírus da dengue, o qual não era predominante. Tornando a população alvo desse novo sorotipo por não terem formado uma imunidade contra o mesmo. Tal situação ainda não é considerada uma epidemia, mas é de extrema necessidade intensificar as ações de combate ao *Aedes aegypti*, tanto da população quanto de gestores, para que o número de casos não continue avançando. Tendo essas ações o principal objetivo evitar o acúmulo de água, como: manter a tampa da caixa d'água fechada, manter calhas sempre limpas, guardar pneus em locais fechados, dentre outras ações profiláticas. Além de se continuar a conscientização da sociedade e também



fiscalização. Aliado a isso é preciso diagnósticos e tratamentos mais oportunos para evitar o agravamento e mortes por dengue.

Palavras-chave: *Aedes aegypti*. Epidemiologia. *Flaviviridae*.



Medicina Veterinária Preventiva

PESTE SUÍNA AFRICANA – DOENÇA RE-EMERGENTE

Adrielle Pereira Valentim¹, Luma Silva Santos¹, Leyllynnay Oliveira Santos¹,
Israel Pinheiro de Sousa Filho¹, Stanislau Parreira Cardozo²

¹Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária UNIFIMES. E-mail: adriellevalentim@hotmail.com

²Docente do Curso de Medicina Veterinária UNIFIMES.

A Peste Suína Africana – PSA, é uma doença não zoonótica, mas altamente contagiosa para os suídeos. É causada por um vírus da família *Asfarviridae*, que possui 23 genótipos diferentes, composto por DNA de fita dupla. De fácil disseminação, a PSA tem diversos meios de transmissão: carrapatos *Ornithodoros* infectados com o vírus; ingestão de produtos contaminados de origem suídea, que é a principal via de contaminação às longas distâncias, sendo possível veiculação viral entre países inclusive por meio de alimentos ou fômites contaminados; inclusive e principalmente pelo contato direto entre suínos infectados e suínos susceptíveis. Este resumo tem como objetivo fazer a abordagem sobre a PSA enfatizando as vias de disseminação e prevenção para a doença o qual foram utilizadas as bases de dados do Google Acadêmico (scholar.google.com.br) com as seguintes estratégias de busca: (1) Peste Suína Afriacana (2) PSA na China (3) sanidade suídea. Os dados foram coletados no período de 10 de julho à 2 de agosto do ano de 2019. A pesquisa foi limitada à artigos publicados do ano de 2009 à 2019. A PSA, é uma doença que se manifesta na forma aguda, subaguda ou crônica, dependendo da virulência da amostra que o animal foi infectado. Na forma aguda os sinais clínicos mais característicos são vermelhidão e hemorragias na pele, com taxa de mortalidade de aproximadamente 100%. Na forma subaguda os sinais clínicos são parecidos com a forma aguda, mas são mais brandos, e tem menor taxa de mortalidade (30-70%). Na forma crônica os animais apresentam úlceras e necrose na pele, edema nas articulações, perda de peso e picos irregulares de temperatura, e tem baixa taxa de mortalidade, porém todos os animais de uma granja, que foi detectada a doença, são descartados para que o vírus não seja disseminado. Usualmente o Brasil ocupa a 4ª posição no ranking do comércio de carne suína, sendo liderado pela China, grande consumidora e produtora do comércio suíno. Porém desde agosto de 2018 a PSA ressurgiu na China, causando um enorme impacto econômico no mundo todo. Só no ano de 2018 foram descartados, por meio de abate sanitário, mais de 1 milhão de suínos, número equivalente ao triplo do volume de carne que o Brasil produz o ano inteiro. Com este impacto no comércio mundial, o Brasil tem aumentado sua produção e exportação desse produto, chegando a expectativa de exportar 900 mil toneladas, aumentando consideravelmente o número de 2018, que foi de 646 mil toneladas. Como consequência já pode-se notar uma elevação do preço da carne no comércio, afetando o consumidor. Por se tratar de uma



doença de grande impacto econômico, e de fácil disseminação, o mundo todo está em alerta para que a doença não ultrapasse o continente asiático, já que a PSA é considerada exótica em muitos países potência no comércio mundial.

Palavras-chave: Suínos. China. Sanidade Suídea.



Medicina Veterinária Preventiva

PRESENÇA DE *PSEUDOMONAS SP.* EM AMBIENTE HOSPITALAR VETERINÁRIO NA REGIÃO SUDOESTE DO ESTADO DE GOIÁS

Thaynara Souza Moreira¹, Juliana Bruno Borges Souza¹, Ariel Eurides Stella²,
Eric Mateus Nascimento de Paula³

¹Discentes do curso de Medicina Veterinária da Unifimes. E-mail: thaynara.s.m@hotmail.com

²Docente do curso de Medicina Veterinária da UFJ.

³Docente do curso de Medicina Veterinária da Unifimes

Pseudomonas aeruginosa é uma bactéria gram-negativa, móvel e não formadora de esporos. Esse microrganismo é encontrado em diversas enfermidades tanto humanas, quanto animais. A bactéria tem caráter ubíquo, podendo ser isolada na água, superfícies úmidas, alimentos, solo, equipamentos, vegetais e ambientes hospitalares. Para que ocorra sua destruição, é preciso selecionar corretamente o bactericida, já que esse microrganismo tem se mostrado com uma grande resistência tanto para antibióticos, quanto para desinfetantes. Amônia quaternária, soluções iodadas, cefalosporinas de terceira e quarta geração, fluorquinolonas e carbapenêmicos, são alguns dos produtos e fármacos que se mostram ineficazes no controle e combate à *P. aeruginosa*. Este trabalho objetivou a pesquisa da presença de *Pseudomonas sp* em ambientes hospitalares veterinários localizados nos municípios de Jatai e Mineiros, Goiás. Para tanto, foram utilizados suabes de arrasto em mesas de atendimento, mesas cirúrgicas, maçanetas das portas, torneiras, gaiolas de internação, estetoscópios, termômetros, e todo e qualquer instrumental utilizado em contato direto com os animais ou com os atendentes. As amostras foram coletadas 12 vezes com no máximo 15 dias de intervalos entre elas e enviadas para o laboratório de Microbiologia Veterinária, e cultivadas em caldo nutriente e Agar sangue a 37°C durante 24-48 horas. Para a identificação das espécies foram realizadas: prova da coagulase, prova de DNase, teste de fermentação do manitol, teste da fermentação da manose, rafinose, sacarose, trealose e xilose, teste de fermentação da maltose e o teste de VP. Foi identificada uma grande variedade de gêneros bacterianos circulantes em ambiente hospitalar veterinário. Das 276 amostras coletadas, foram isoladas 310 cepas bacterianas, sendo que destas apenas 5,2% eram de *Pseudomonas sp*. Diante desses resultados, podemos perceber a da presença de *Pseudomonas sp* nos ambientes em que foram coletadas as amostras, o que indica que provavelmente há a presença da *P. aeruginosa*, reforçando a importância de se estabelecer métodos eficazes no controle dessas bactérias resistentes. *Pseudomonas* são agentes oportunistas, que podem ser transmitidos para outros animais e o homem. Como este microrganismo também um importante agente nosocomial, que sobrevive bem em meio hospitalar, deve-se realizar medidas de prevenção para evitar



sua disseminação a pacientes internados com outras afecções. É preciso conscientizar os profissionais e a população sobre a importância do uso do antibiograma para selecionar o fármaco específico para combater bactérias, para que não ocorra a resistência disseminada dos microrganismos aos antibióticos e, assim, conseguir combater de forma eficaz as doenças que acometem os animais e os seres humanos.

Palavras-chave: Estabelecimentos. Infecções nosocomiais. Medicina Veterinária. *Pseudomonas aeruginosa*.



Medicina Veterinária Preventiva

PERFIL DOS ANIMAIS ATENDIDOS EM AÇÃO DE EXTENSÃO EM PORTELÂNDIA/GO

Edilaine Patricia de Oliveira Stiz¹, Eric Nascimento De Paula²

¹Discente de Medicina Veterinária da Unifimes. E-mail: edistiz12@gmail.com

²Docente de Medicina Veterinária da Unifimes.

Para avaliação epidemiológica em Medicina Veterinária em um nível coletivo, faz-se necessária uma análise dos fatores de risco e, a partir disso, propor medidas profiláticas que promovem a recuperação individual e a proteção da população em geral. Cães e gatos são as espécies de animais de companhia mais aceitos nos lares, entretanto podem estar envolvidos na cadeia epidemiológica de doenças diversos, inclusive de potencial zoonótico. Características como espécie, raça, idade e sexo são fatores indicativos de afecções ou enfermidades específicas, pressupondo uma maior suscetibilidade. Portanto, o objetivo desse estudo é levantar o perfil dos animais atendidos pelo projeto de extensão “Clínica Veterinária Itinerante da UNIFIMES”, por meio da utilização das informações contidas nos prontuários dos atendimentos realizados em uma ação de atendimento médico-veterinário de cães e gatos de comunidades carentes que não possuem acesso a serviço de saúde animal, realizada no município de Portelândia/GO. Dos 37 animais atendidos, 34 eram da espécie canina e 3 eram felinos. 57% eram machos e 43% fêmeas. Com idades observada entre 2 meses de vida a 15 anos, foram também encontradas diferentes raças como por exemplo: Shitzu, Poodle, Pastor Belga, SRD(animal sem raça definida) entre outros. Quando seus tutores questionados sobre alimentação, obtivemos respostas positivas dentre animais que só eram alimentados com ração, mas também tivemos respostas que são alimentados com comida ou misturas com ração. Observando o cuidado com a assepsia do animal, houve relatos de banhos frequentes em boa parte desses animais, a desvantagens que os mesmos possuem acesso à rua para dar uma “voltinha”. Ao analisarmos os animais que já haviam passados por procedimentos cirúrgicos contraceptivos, apenas 19% eram castrados, sendo desses três cães machos, três cadelas e uma gata. 24 dos animais já haviam passado por controle de endoparasitas, enquanto os que não realizam nenhum tipo de vermifugação somaram 8 dos animais atendidos. Em 4 desses atendimentos, os tutores não souberam responder sobre a desverminação. Já em relação a presença de ectoparasitas, 43% dos animais passavam por controle, seja por utilização de xampus ou medicamentos, 6% não faziam nenhum tipo de prevenção e 38% não informaram. 51% dos cães e gatos já receberam algum tipo de vacinação ao longo da sua vida, 38% nunca foram vacinados e em 11% dos casos, não se sabia esse histórico. Portanto, destacar após análise com esses dados, que a porcentagem de animais castrados são baixas e vacinados ainda é média, um número perigoso, por possuírem acesso a outros animais e



acesso à rua, isso é preocupante pois existem patologias que podem ser evitadas com a castração desse animal, por exemplo: Piometra, TVT(tumor venéreo transmissível) e tumores de mama ocasionados também por vacinação de prenhes indesejadas. Entretanto, deve-se necessária uma mudança quanto a criação desse animal, assim evitando a exposição de risco a saúde do mesmo. Essa mudança poderá ser uma vacinação regulada, uma vermifugação correta e em dia, retirando também o acesso livre a rua desses animais, e por fim uma possível castração. Dessa forma elevando a qualidade de vida desses animais.

Palavras-chave: Atendimento veterinário. Cães. Fatores de risco. Gatos. Perfil epidemiológico.



Medicina Veterinária Preventiva

LEVANTAMENTO DOS MEDICAMENTOS ARRECADADOS PARA USO VETERINÁRIO NO PROJETO DE EXTENSÃO FARMÁCIA SOLIDÁRIA – RESULTADOS PARCIAIS

Vinicius Cruz Silva Sousa¹, Ana Julia de Almeida Martins¹, Eric Mateus
Nascimento de Paula², Ísis Assis Braga²

¹Discentes do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES. E-mail:
vinicius.after@gmail.com

²Docentes do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES.

Animais de companhia, como cães e gatos, estão sujeitos a muitas afecções durante suas vidas que prejudicam sua saúde e para que eles se recuperem bem na maioria das vezes precisaram de cuidados, por isso cabe aos tutores dar todo o suporte necessário para que o animal se recupere, seja levando ao médico veterinário, tratando-o com medicamentos, e dando a atenção necessária. Pensando que em alguns casos o responsável pelo animal não possui condições financeiras para sustentar esse aporte aos animais e que em algum momento podem ser surpreendidos por uma moléstia animal, um projeto de extensão chamado “Farmácia Solidária” foi criado por discentes do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. O intuito é arrecadar medicamentos que podem ser utilizados no tratamento de animais de companhia de pessoas que não possuem condições financeiras necessárias. Sendo assim, o objetivo do presente resumo é contabilizar os medicamentos, bem como caracterizá-los. Para tanto, foram reunidos dados do quantitativo de doações e os dados dos medicamentos arrecadados durante o primeiro semestre de 2019. Ao todo foram arrecadados 99 medicamentos, para essa contabilização levou-se em consideração a quantidades de frascos, caixas e ampolas. Do total de remédios, 70,70% eram de uso veterinário e 29,30% de destinação para uso humano. Sabe-se que apesar de nem sempre serem destinados para uso animal, alguns medicamentos podem ter aplicação na rotina clínica veterinária. De todas as embalagens dos produtos arrecadados, 58% estavam lacradas e 42% apresentavam sinais de uso. Todas os produtos medicamentosos apresentavam-se dentro do prazo de validade. Em relação aos grupos medicamentosos, obteve-se a seguinte distribuição: antibióticos (18,1%), anti-inflamatórios (11,1%), vermífugos (5%), analgésicos (6%), complexos vitamínicos (15,1%) e suplementos alimentares (8%), outros (36%). Conclui-se por tanto, que para o tempo de seis meses de arrecadações o número de medicamentos coletados foi consideravelmente bom, com uma média aproximada de 17 medicamentos por mês. Todos os fármacos apresentavam bom estado para uso e dentro da data de validade. E positivamente houve uma boa variedade dos grupos de medicamentos, o que garante um auxílio amplo nas mais imprevisíveis e possíveis afecções que animais carentes possam ser acometidos. Contudo, espera-se que o projeto



ganhe cada vez mais popularidade para que mais remédios possam ser doados e assim mais animais sejam ajudados. Diante disso, é válido ressaltar que o projeto de extensão almeja beneficiar a todos os animais auxiliando em tratamentos farmacológicos e colaborar também com a comunidade, visando sempre o bem-estar comum e o bom convívio entre seres humanos e animais, para isso é importante que o projeto seja maior divulgado, alcançando maiores números de doadores e beneficiados para o bom funcionamento do mesmo.

Palavras-chave: Doações. Farmácia Solidária. Medicamentos. Saúde Animal.